

SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL
FACULDADE STBNB

Pablo Daniel Alonzo Munoz

**APLICAÇÃO DO MODELO DE DISCIPULADO DE CRISTO NO CONTEXTO PÓS-
MODERNO; DESAFIOS E OPORTUNIDADES.**

Recife
2025

PABLO DANIEL ALONZO MUNOZ

APLICAÇÃO DO MODELO DE DISCIPULADO DE CRISTO NO CONTEXTO PÓS-MODERNO; DESAFIOS E OPORTUNIDADES.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Teologia da Faculdade STBNB, como requisito necessário à obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador (a): Prof. Jades da Cunha e Silva Junior

Recife

2025

Aos meus avós que já partiram com Cristo, Hector Muñoz e Cruz Maria de Muñoz, que semearam em mim a semente do Evangelho e me ensinaram a amar, reverenciar e servir a Deus acima de todas as coisas.

Aos meus pais, Domingo Alberto e Nery Virgínia; deles aprendi que recompensas são precedidas de esforço, disciplina e constância. Seus exemplos moldaram não apenas este trabalho, mas o homem que sou hoje.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Pastor Jades Cunha Jr., meu orientador, pastor e amigo, pela guia constante, paciência e incentivo durante todo o processo de construção deste trabalho. Sua ajuda, expertise e compromisso foram fundamentais para a concretização desta pesquisa.

A todos meus professores no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, por ministrar-me uma sólida formação teológica e dar-me as bases acadêmicas necessárias para a realização deste estudo.

A minha esposa e filhos, pelo amor incondicional, compreensão e paciência durante os momentos de ausência dedicados aos compromissos acadêmicos. Sua presença na minha vida foi um alicerce nos períodos mais desafiadores.

Ao Pastor Rafael Ernesto Carrillo, meu discipulador por muitos anos, instrumento usado por Deus para despertar em mim a paixão pelo discipulado e pela formação integral de líderes. Suas lições transcendem o acadêmico e ecoam na minha caminhada espiritual.

A Mayres Pequeno, pela generosidade em compartilhar seu tempo e conhecimento durante os primeiros passos, auxiliando na estruturação do trabalho e definição da linha de pesquisa. Sua contribuição foi vital para o direcionamento deste projeto.

Por fim, agradeço a Deus, fonte de toda sabedoria, pelas portas abertas, pela capacidade concedida e pela oportunidade de concluir esta etapa. Que este trabalho glorifique Seu nome e sirva como instrumento para expansão do Seu Reino.

RESUMO

Este trabalho analisa o discipulado cristão à luz do modelo de Jesus, confrontando-o com as características do contexto pós-moderno. Por meio de pesquisa bibliográfica e análise teológico-cultural, identificam-se desafios como a desconfiança das autoridades, a cultura do descarte, o hiperindividualismo e as relações líquidas, como fatores que fragilizam o compromisso de seguir a Cristo e manter a vivência comunitária. A investigação percorre definições preliminares, a natureza do discipulado nas Escrituras, bem como as práticas de Jesus e o contributo de teólogos contemporâneos, evidenciando que o discipulado não se limita apenas a um processo de ensino teórico, mas se consolida na prática do amor, do serviço e da comunhão. O estudo demonstra que o discipulado segundo o modelo de Jesus é essencialmente relacional e sacrificial, marcado pelo chamado pessoal, pelo compromisso, o ensino, a convivência e a ênfase na multiplicação do modelo. Ressalta-se que a consolidação de discípulos não ocorre pela efetividade de métodos organizacionais isolados, mas por meio de relacionamentos genuínos fundados na obediência e na ação transformadora do poder de Deus. Conclui-se que, embora a pós-modernidade imponha barreiras, é possível contextualizar o discipulado sem renunciar aos princípios bíblicos fundamentais, reafirmando a necessidade de um discipulado intencional, comprometido e orientado pelo Espírito Santo. Por fim, propõe-se uma abordagem estratégica que alia a fidelidade ao exemplo de Cristo com ações adaptadas às realidades urbanas e pós-modernas, apontando caminhos para a formação de discípulos maduros, capazes de glorificar a Deus no dia a dia e discipular as novas gerações.

Palavras-chave: Discipulado; Pós-modernidade; Relacionamento; Multiplicação; Espírito Santo.

RESUMEN

Este trabajo analiza el discipulado cristiano a la luz del modelo de Jesús, confrontándolo con las características del contexto posmoderno. A través de la investigación bibliográfica y el análisis teológico-cultural, se identifican desafíos como la desconfianza a las autoridades, la cultura del descarte, el hiperindividualismo y las relaciones líquidas, como factores que debilitan el compromiso de seguir a Cristo y mantener la armonía comunitaria. La investigación incluye definiciones preliminares, la naturaleza del discipulado en las Escrituras, las prácticas de Jesús y la contribución de los teólogos contemporáneos. Estos elementos demuestran que el discipulado no se limita a un proceso de enseñanza teórico, sino que se consolida en la práctica del amor, el servicio y la comunión. El estudio demuestra que el discipulado según el modelo de Jesús es esencialmente relacional y sacrificial, marcado por el llamado personal, el compromiso, la enseñanza, la convivencia y el énfasis en la multiplicación del modelo. Es de destacar que la consolidación de los discípulos no ocurre debido a la efectividad de los métodos organizacionales aislados, sino a través de relaciones genuinas basadas en la obediencia y la acción del poder transformador de Dios. Se concluye que, aunque la posmodernidad impone barreras, es posible contextualizar el discipulado sin renunciar a los principios bíblicos fundamentales, reafirmando la necesidad de promover el discipulado intencional, comprometido y orientado por el Espíritu Santo. Finalmente, se propone un enfoque estratégico que combina la fidelidad al modelo de Cristo con acciones adaptadas a las realidades urbanas y posmodernas, abriendo caminos para la formación de discípulos maduros, capaces de glorificar a Dios en la vida cotidiana y discipular las nuevas generaciones.

Palabras clave: Discipulado; Posmodernidad; Relación; Multiplicación; Espíritu Santo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O MODELO DE DISCIPULADO DE CRISTO	10
1.1 DEFINIÇÕES PRELIMINARES, DISCÍPULO E DISCIPULADO.	10
1.2 ELEMENTOS FUND. DO MODELO DE DISCIPULADO DE CRISTO	13
1.2.1 O Mestre Procura O Discípulo	
1.2.2 O Discipulado É Um Chamado Ao Compromisso	13
1.2.3 O Discipulado Não É Um Processo Forçado	16
1.2.4 O Discipulado É Um Relacionamento Pessoal	20
2 O CONTEXTO PÓS-MODERNO	22
2.1 O QUE É PÓS-MODERNISMO?	25
2.2 PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PÓS-MODERNISMO	25
2.2.1 Desconfiança das Autoridades	27
2.2.2 Cultura do Descarte	27
2.2.3 Hiperindividualismo	29
2.2.4 Relações Líquidas	31
3 DESAFIOS E OPORTUNIDADES DO PÓS-MODERNISMO NA	34
APLICAÇÃO DO MODELO DE DISCIPULADO DE CRISTO.	37
3.1 DESCONFIANÇA DE AUTORIDADES VS O MODELO DE	
AUTORIDADE EM CRISTO.	37
3.1.1 Autoridade Em Crise: O Desafio Da Desconfiança Para O	
Discipulado Cristão.	37
3.1.2 Autoridade Servil: Um Contraste Que Pode Atrair Corações	
Desiludidos.	39
3.2 CULTURA DO DESCARTE VS EXIGÊNCIA DE COMPROMISSO	
3.2.1 A Extinção Dos Vínculos Duradouros	39
3.2.2 Discipulado Como Espaço De Comunhão E Compromisso	39
3.3 Hiperindividualismo Vs Vida Comunitária De Fé	40
3.3.1 O “Eu” Acima De Todo.	41
3.3.2 Vida Em Comunidade Como Antídoto À Solidão.	41
3.4 RELAÇÕES LÍQUIDAS VS RELAÇÕES SÓLIDAS	43
3.4.1 Os Dilemas Do Discipulado Na Era Digital.	44
3.4.2 O Discipulado Como Porto Seguro No Mar Da Superficialidade.	44

CONCLUSÕES	46
REFERÊNCIAS	47
	49

LISTA DE SIGLAS

At	Atos dos apóstolos
Fp	Carta de Paulo aos filipenses
Gl	Carta de Paulo aos gálatas
Jo	Evangelho segundo João
Lc	Evangelho segundo Lucas
Mc	Evangelho segundo Marcos
Mt	Evangelho segundo Mateus
ONU	Organização das Nações Unidas
PC	Computador Pessoal
UNEP	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

INTRODUÇÃO

O discipulado cristão, enquanto processo de formação de seguidores de Jesus, encontra-se desafiado por alguns traços distintivos do contexto pós-moderno. A desconfiança das autoridades, a cultura do descarte, o hiperindividualismo e as relações líquidas, são características que têm fragilizado a coesão das comunidades de fé e dificultado a continuidade de práticas discipulares bíblicas e relacionais, fundamentais para a maturação espiritual. Neste panorama, questiona-se como manter a fidelidade ao modelo de discipulado praticado por Cristo – pautado pelo chamado pessoal, o compromisso sacrificial, a convivência relacional voluntária e a multiplicação do modelo – sem desconsiderar as realidades da nossa época e cultura.

Diante desse questionamento, o presente trabalho tem por objetivo geral analisar o modelo de discipulado segundo o exemplo de Cristo e identificar estratégias para sua aplicação no contexto pós-moderno. Objetivam-se, ainda, delimitar as dimensões teológicas e práticas do discipulado de Jesus, identificar as características de maior impacto na pós-modernidade, analisar os desafios e oportunidades emergentes e propor sugestões práticas para promover a criação de grupos discipulares contextualizados, sem deformar os princípios bíblicos básicos.

Para tanto, adotou-se a metodologia de pesquisa bibliográfica, fundamentada em obras clássicas referentes ao discipulado cristão e em publicações recentes sobre os comportamentos da sociedade pós-moderna, bem como análise teórico-exegética das passagens bíblicas pertinentes. Espera-se que os resultados auxiliem o desenvolvimento de programas de formação de discípulos que respondam eficazmente aos desafios do mundo contemporâneo, promovendo a transformação espiritual e o fortalecimento das comunidades cristãs.

2 O MODELO DE DISCIPULADO DE CRISTO

2.1 DEFINIÇÕES PRELIMINARES; DISCÍPULO E DISCIPULADO.

A palavra “discípulo” vem do vocábulo grego *μαθητής* (*mathetes*), que se define por aprendiz, aluno ou discípulo (Brown; Coenen, 2000, p.581). A palavra *mathetes* é a raiz da palavra matemática, que significa “pensamento acompanhado de esforço.”¹ Os discípulos pensam e aprendem, mas também vão além do aprendizado para esforçar-se e fazer. Mesmo na época de Jesus, os discípulos eram aqueles que eram mais do que alunos na escola, eram aprendizes no trabalho de seu mestre.² De forma geral, *μαθητής* é usado para quem direciona sua mente para alguma coisa. Então denota “aluno”, não como um novato, mas como alguém que é comprometido com o aprendizado (Kittel, 2003, p. 431).

Nas palavras de Phillips, “discípulo é o aluno que aprende as palavras, os atos e o estilo de vida de seu mestre com a finalidade de ensinar outros” (Phillips, 2008, p.19). No âmbito cristão, o termo discípulo refere-se à pessoa que segue os ensinamentos de Jesus (Dever, 2016, p. 16).

No Novo Testamento, *μαθητής* aparece apenas nos Evangelhos e em Atos. Ocorre pelo menos 230 vezes nos Evangelhos e 28 vezes em Atos.³ A essência da palavra discípulo muda desde a primeira vez que é usada em Mateus 5:1 até a última menção em Atos 21:16. Nos evangelhos, discípulo já tinha um significado antes de Jesus usar a palavra. No primeiro século, a compreensão cultural de um discípulo era alguém que era mais do que apenas um aprendiz; o discípulo também era um “seguidor” (mais uma vez vemos a conexão entre pensar e fazer).⁴ Na cultura greco-romano, grandes mestres tinham discípulos. Filósofos como Sócrates tinham seguidores devotados que eram treinados sob a orientação de uma vida exemplar. Os discípulos passavam tempo com seu mestre absorvendo o ensino e o exemplo daquele de quem estavam aprendendo. Na cultura judaica, Rabinos como Hillel e

¹ NEWTON, G. C. **Growing toward spiritual maturity**. Wheaton, IL: Evangelical Training Association, 1999. Pág. 15.

² Ibid.

³ WILKINS, M. J. **Following the Master**: discipleship in the steps of Jesus. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Pub. House, 1992. Pág. 40.

⁴ WILKINS, *Following the Master*, pág. 41.

Shammai já tinham discípulos que aprendiam a interpretar as Escrituras e relacioná-las à vida. (Shirley, 2008, p. 209). A Bíblia também mostra que havia discípulos nas tradições de Moisés (Jo 9.28) e que João Batista tinha discípulos (Mt 9.14, 11.7, 14.2), alguns dos quais posteriormente se juntaram à missão de Jesus.⁵

Inicialmente, todos os seguidores de Jesus eram chamados de discípulos; mas o que geralmente pensamos como os “discípulos” hoje são os doze homens que Jesus escolheu para treinar e enviar para o trabalho de Seu reino. Este grupo foi o berço da igreja incipiente. Antes de Jesus ascender ao Pai, Ele deu a Seus discípulos — agora apóstolos — a responsabilidade de ir e fazer discípulos como Ele havia feito (Shirley, 2008, p. 209). As características de um verdadeiro discípulo eram: (1) Crença em Jesus como messias (Jo 2.11, 6.68–69); (2) Compromisso de se identificar com Ele através do batismo (Mt 28.19); (3) Obediência ao seu ensino e submissão ao seu Senhorio (Mt 19.23–30, Lc 14.25–33).⁶

Ser discípulo de Cristo não é apenas pertencer à membresia de uma igreja cristã. Ser discípulo é aprender a viver do mesmo modo que o Mestre, visando comunicar a outros posteriormente a forma de vida aprendida (Ortiz, 1980). No entanto, existe uma relação implícita entre “ser discípulo de Cristo” e se identificar com uma comunidade cristã. No livro dos Atos, Lucas usa o termo discípulo para descrever todos os seguidores de Jesus Cristo. Ele também menciona que esses crentes foram chamados pela primeira vez de “cristãos” em Antioquia, mas esta é uma das apenas duas vezes (At 11.26, 26.28) que ele usa essa palavra, e em ambas as ocasiões o termo é usado por pessoas forâneas.⁷ Além disso, esses discípulos são geralmente mencionados à luz de sua relação com uma cidade particular, implicando sua associação com um grupo local de crentes.⁸ Consequentemente, podemos assumir que, na igreja do Novo Testamento, os seguidores de Jesus Cristo, naturalmente se

⁵ HULL, B. **The complete book of discipleship**: on being and making followers of Christ. Colorado Springs, Co: Navpress, 2006. Pág. 53–61.

⁶ WILKINS, *Following the Master*, pág. 105–18.

⁷ POLHILL, J. B. **The New American Commentary**: Acts. Nashville, Tennessee: Broadman Press, 1992. Pág. 273. Embora o rótulo seja usado em Atos 11:26 e 26:28, Polhill afirma que seu uso inicial fora da igreja pode refletir (1) o estabelecimento de uma identidade cristã fora do judaísmo e (2) uma maneira comum pela qual os gentios se referiam a outros gentios que se tornaram seguidores de Cristo.

⁸ Atos 6:7; 9:26; 11:26; 14:21–22, 26–28; 18:23, 27; 19:1; 21:3–6.

consideravam parte de um corpo local de crentes—uma comunidade de fé—a igreja—e entendiam seu papel dentro desse corpo como discípulos (Shirley, 2008, p. 210).

Como resultado, a palavra “discipulado” pode ser entendida como o processo de formação de um discípulo. “O processo de seguir Jesus”.⁹ Nas palavras de Phillips:

O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros (Phillips, 2008, p.19).

Embora a palavra discipulado não apareça no Novo Testamento, o conceito é implícito através do comando de Jesus na Grande Comissão para fazer discípulos. Portanto podemos definir o discipulado como o processo de seguir Jesus por crer na mensagem do Evangelho, obedecer à vontade Dele por sobre todas as coisas e aprender a tornar outras pessoas discípulos. O discipulado é sobre orientar outros para conhecer a pessoa de Cristo ao nível de serem capazes de crer e confiar Nele como Senhor, Salvador e Sustentador. Seguidamente, guiá-los na jornada espiritual para serem transformados à semelhança do Seu caráter.

Pessoas que são discipuladas, como resultado se tornarão imitadoras de Cristo, e os fazedores de discípulos são pessoas que facilitam esse processo por meio do agir poderoso do Espírito Santo. Mateus 28:18-20 mostra claramente que o verdadeiro Mestre é Jesus, e o que deve ser ensinado hoje é o que Jesus ensinou aos seus discípulos primariamente. Por isso, o discipulado sempre deve focar na pessoa, nos ensinamentos e na obra de Jesus. O alvo do discipulado não é o discipulador se mostrar como o modelo supremo a seguir ou manipular as pessoas a crer e fazer coisas alinhadas com seus interesses pessoais, ações, entendimento ou métodos. O alvo máximo do discipulado é levar pessoas a conhecer Jesus melhor e com a orientação do Espírito Santo, entender como eles devem vivenciá-lo em seus próprios contextos e condições.

Fugir do processo de discipulado tem consequências negativas na vida espiritual de quem pretende seguir Jesus. Nesse sentido, Willard (2008) destaca a importância de não escapular do processo nem negligenciar o chamado ao discipulado

⁹ HULL, *The complete book of discipleship*, pág. 33.

na vida cristã. Ele argumenta que a omissão do discipulado no cristianismo contemporânea é uma das maiores falhas dos crentes modernos; a falta de discipulado dificulta a vivência de paz duradoura, de uma vida totalmente preenchida de amor, da fé que vê tudo sob a perspectiva do controle absoluto de Deus para o bem, da habilidade de agir corretamente e resistir às forças do mal. Em síntese, o custo da falta de discipulado é precisamente a falta da vida abundante que Jesus veio proporcionar (Jo 10.10). Para Shirley, a negligência de ser discípulos e discipular outros, têm promovido uma “crise de identidade” no cristianismo contemporâneo que está impedindo o crescimento espiritual na vida dos crentes e erodindo a saúde da igreja local (Shirley, 2008, p. 210).

Hull descreve essa situação da seguinte forma:

O ensino comum é que um cristão é alguém que, pela fé, aceita Jesus como Salvador, recebe a vida eterna e está seguro e protegido na família de Deus; um discípulo é um cristão mais sério, ativo na prática das disciplinas espirituais e engajado em evangelizar e treinar outros. Mas devo ser franco: não encontro evidência bíblica para a separação de cristão e discípulo (Hull, 2006, p.33).

Quanto mais se perpetua a ideia errônea de que “*discipulado é um processo opcional*”, maior é o número de cristãos fracos na fé e com problemas sérios de maturidade espiritual. Todas as pessoas que declaram publicamente fé em Jesus Cristo como Senhor e Salvador devem ser discipulados, por implicação, começar uma jornada de crescimento e formação ao longo da vida, guiada pelo Espírito Santo, à semelhança daquele que seguem (Shirley, 2008).

2.2. ELEMENTOS FUNDAMENTAIS DO MODELO DE DISCIPULADO DE CRISTO

2.2.1. O mestre procura o discípulo

A dinâmica do discipulado cristão, conforme modelado por Jesus, inverte a lógica cultural de sua época. Enquanto no contexto judaico do primeiro século os discípulos buscavam ativamente mestres reconhecidos para aprendizado (Shirley, 2008), Jesus tomou a iniciativa de chamar aqueles que desejava formar. Essa inversão é evidente em passagens como Marcos 1.16-20 e Mateus 4.18-22, onde Ele convoca Simão Pedro, André, Tiago e João — pescadores comuns — a deixarem suas redes e segui-Lo. Destacam-se pelo menos três aspectos no proceder de Jesus. Primeiramente, a quebra do paradigma cultural.

Samuel Pérez Millos (2016) destaca a radicalidade desse gesto:

O chamado de Jesus vai muito além de qualquer outro convite que pudesse ter ocorrido no contexto social daquela época. Os seguidores, ou discípulos de um mestre, o faziam por livre e espontânea vontade, ou seja, eram eles que escolhiam quem queriam seguir e de quem queriam aprender, mas em nenhum caso era o mestre que fazia tal exigência, de deixar tudo o que era próprio e natural em sua vida para segui-lo (Millos, 2016, p. 145).

Essa inversão não foi apenas cultural, mas profundamente teológica — uma demonstração de que o Reino de Deus opera por critérios distintos dos sistemas humanos. Jesus não apenas rompeu com a tradição rabínica, mas também desafiou hierarquias sociais. Seus discípulos não eram intelectuais, religiosos ou da elite da época — eram pessoas ordinárias, sem nenhum destaque prévio (Kittel, 2003). Essa escolha reflete o princípio teológico de que o discipulado não é meritocrático, mas uma resposta à graça soberana de Deus (cf. Jo 15.16).

O segundo a destacar é a consciência de propósito e compromisso espiritual presentes na seleção dos discípulos. Nenhum dos chamados foi um ato impensado ou fortuito, mas sim uma decisão absolutamente consciente e carregada de propósito, fundamentada em Sua plena divindade e onisciência. Em João 1.43-51, vemos que Jesus já conhecia os futuros discípulos antes mesmo de os chamar, o que revela que cada escolha foi feita à luz do conhecimento das características, potencialidades e desafios inerentes ao processo de ensino-aprendizado de cada indivíduo. Essa prévia compreensão não apenas destaca a divina soberania de Jesus, mas também sublinha a responsabilidade de um convite proposital para moldar aqueles que o acompanhariam no cumprimento do seu propósito.

A seriedade do chamado é ainda mais evidente quando observamos o relato de Lucas 6.12-13, que mostra como Jesus passou a noite em oração antes de escolher os Doze. Esse período de vigília e intimidade com o Pai demonstra que o processo de discipulado exige, antes de tudo, discernimento espiritual e dependência da orientação divina. Em outras palavras, a escolha dos discípulos não pode ser baseada em critérios meramente humanos ou superficiais. A profundidade desse proceder é ilustrada pelo comentário de Hendriksen (1998), que enfatiza: “Jesus subiu à montanha e, depois de uma noite de oração e vigília, escolheu doze homens que estariam intimamente associados a Ele para serem enviados a fazer sua obra” (p. 270). Essa imagem da montanha, lugar tradicional de revelação e encontro com o divino, reforça a ideia de que o chamado para o discipulado é um evento de elevada

significação espiritual, onde o ordinário é transformado pelo contato com o transcendente.

Da mesma forma, Ortiz (1980) observa que “a escolha dos discípulos é uma decisão espiritual muito séria” (p. 89), ressaltando que essa seleção não se trata apenas de um recrutamento para uma missão temporária, mas do início de uma formação que visava transformar vidas para um propósito eterno. Ao moldar seus discípulos, Jesus estava, na verdade, semeando as bases para a expansão de um Reino que transcende as barreiras do tempo e do espaço. Esse processo de formação era, portanto, tanto um privilégio quanto uma responsabilidade imensa, pois envolvia a transformação pessoal dos escolhidos e a preparação para uma missão que impactaria gerações.

O terceiro destaque é a conexão implícita entre o chamado ao discipulado e a Grande Comissão. No início de Seu ministério, Jesus chama Simão Pedro, André, Tiago e João, pescadores da Galileia, com a ordem: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens” (Mc 1.17). Essa convocação reflete a iniciativa divina em gerar uma transformação de vida daqueles que aceitam se comprometer com a realidade do Reino de Deus. O imediato abandono das redes (Mc 1.18,20) simboliza a renúncia radical exigida pelo discipulado, um tema que ecoará posteriormente na ordem final de Jesus, registrada em Mateus 28.18-20, onde se lê: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações...”.

Ao respeito, Phillips (2008) destaca que o verbo “façam discípulos” (*μαθητεύσατε*, *mathēteusate*) está no imperativo ativo, indicando uma ação contínua e deliberada. Essa linguagem ativa não apenas chama os discípulos originais à missão, mas também estende esse chamado a todos os seguidores de Cristo ao longo dos séculos, convocando-os a um engajamento relacional que ultrapassa as paredes institucionais de qualquer organização. O mesmo Phillips (2008) conclui que o chamado de Jesus não é um convite passivo, mas uma “ordem que exige morte de si mesmo” (p. 45), preparando-os para uma missão futura. Desta forma, podemos entender que a Grande Comissão não era um novo mandamento, mas sim a expansão orgânica do processo de discipulado inaugurado à beira do mar da Galileia. Como escreve Hull (2006): “Não há separação entre cristão e discípulo — todo seguidor de Cristo é um multiplicador em potencial” (p. 33). A Igreja, portanto, é chamada a

continuar o ciclo que Jesus iniciou: chamar, formar e enviar, sempre fundamentada na Sua presença ("eis que estou convosco" – Mt 28.20).

2.2.2. O discipulado é um chamado ao compromisso

Em essência, o discipulado de Jesus inicia com um chamado que exige uma resposta. O convite ao discipulado é o compromisso exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo.¹⁰ Isto se revela implícito na ordem de Jesus que se constitui no "Segue-me", ou no "Vinde após mim" em algumas passagens registradas nos Evangelhos. No entanto, esse chamado não é uma súplica ou apenas um convite. Esse chamado é uma ordenança. Não se trata de indicar o caminho para a fé, mas se espera uma resposta positiva e de livre consciência a essa ordenança.¹¹

Na perspectiva de Phillips (2008), o chamado de Cristo para o discipulado é um chamado para "a morte de si mesmo, uma entrega absoluta a Deus" (p. 20). Para ele, responder ao chamado de Jesus implica renunciar aos interesses pessoais, dar as costas ao pecado e se dispor a obedecer-lhe completamente. Jesus nunca baixou as suas expectativas de compromisso para com aqueles que se mostravam interessados em ser seus discípulos:

Jesus dizia a todos: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a vida por minha causa, este a salvará (Lc 9.23-24, NVI).

Jesus respondeu: "Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois, venha e siga-me" (Mt 19.21, NVI) .

Outro discípulo lhe disse: "Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai". Mas Jesus lhe disse: "Siga-me, e deixe que os mortos sepulem os seus próprios mortos" (Mt 8.21-22, NVI).

O discipulado é um chamado ao compromisso segundo a magnitude da graça oferecida. Entender essa relação é determinante para a valoração de tal processo. Essa ideia é apoiada por Bonhoeffer:

¹⁰ BONHOEFFER, D. Discipulado. Tradução: Murilo Jardelino; Tradução: Clélia Barqueta. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2016. Pág. 34.

¹¹ JACOBINI, Hiran. As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9.23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus. São Paulo, 2021. Pág. 74.

A graça barata é a graça sem discipulado, é a graça sem cruz, é a graça sem Jesus Cristo vivo e encarnado. A graça preciosa é o tesouro oculto no campo, pelo qual o ser humano vende feliz tudo que possui; é a pérola preciosa, pela qual o mercador oferece todos os seus bens; é o domínio do reino de Cristo, pelo qual o ser humano arranca o olho que o faz tropeçar; é o chamado de Jesus Cristo, pelo qual o discípulo deixa suas redes para trás e o segue... Essa graça é preciosa porque chama ao discipulado; é graça porque chama ao discipulado de Jesus Cristo; é preciosa por custar a vida ao ser humano; é graça pois só assim dá vida ao ser humano; é preciosa porque condena o pecado; é graça porque justifica, perdoa o pecador... A graça preciosa é a encarnação de Deus (Bonhoeffer, 2016).

Bonhoeffer define a graça barata como uma deturpação do Evangelho pregado por Jesus. Para ele, é como oferecer perdão sem falar de arrependimento, salvação sem falar de transformação e justificação sem falar de santificação. É querer ser discípulos de Jesus Cristo ignorando o sacrifício na cruz e a responsabilidade de carregar a nossa própria cruz. Essa graça resulta em um cristianismo superficial, onde as pessoas afirmam fé sem demonstrarem frutos de transformação espiritual. É a aceitação da salvação como um direito adquirido, sem a vivência de um relacionamento genuíno com Cristo. Por outro lado, ele descreve a graça preciosa como algo de valor inestimável, comparável ao tesouro escondido e à pérola de grande valor mencionados nas parábolas de Jesus (Mt 13.44-46). Essa graça é preciosa porque reflete a profundidade do amor de Deus, que não apenas nos salva, mas também nos chama a comprometer-nos numa vida de obediência e entrega. A palavra “segue-me” (*akolouthéo*) como em Mateus 9.9, está no imperativo, sendo, dessa forma, uma ordem. Por essa razão, o discipulado é uma exigência de Jesus a qual devemos responder com obediência.

Segundo Brown (2000), diferentemente dos rabinos da época, Jesus rompeu as barreiras que separavam os puros e os impuros, os pecaminosos e os obedientes. Ele chamou um cobrador de impostos que não era considerado pela comunidade de fé (Mc 2.14), assim como também chamou um Zelote (Lc 6.15), bem como um pescador (Mc 1.15ss). Ele chamou pessoas muito diferentes para segui-lo. No entanto, para todas o chamado implicava a mesma consequência, ter que deixar o estilo de vida ao qual estavam habituados.

Em um de seus mais importantes discursos a respeito do discipulado, Jesus ilustra o chamado como colocar um jugo “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossa alma”

(Mt 11.29). Segundo explicado por Boice (2001), a figura do jugo sugere muitas coisas. Todavia, a ideia principal é a submissão a Cristo na obra para qual foram comissionados. O jugo é também uma conexão entre submissão e sujeição. “Submeter” deriva-se de duas palavras latinas, *sub* (“sob”) e *mitto*, ou *mittere* (“colocar”). Dessa forma submissão significa colocar-se sob a autoridade de outro. O vocábulo “sujeitar” também é derivado de duas palavras latinas, neste caso *sub* (“sob”) e *iacto*, *actare* (que significa “lançar” ou “jogar”). Significa ser colocado sob a autoridade de outro. A palavra jugo ainda remete a outras definições. Boice explica que nos tempos antigos, quando um governante conquistava outro povo, estendia uma vara presa entre dois pilares, a mais ou menos um metro do chão, e obrigava o povo que havia sido capturado a passar por baixo dessa vara. Essa atitude simbolizava que o povo estava se colocando sob seu jugo, isto é, submetendo-se à sua autoridade. Quando Jesus emprega esta figura, está dizendo que o seguir é submeter-se a Ele. É entregar-lhe o senhorio da nossa vida.

É impossível ser discípulo de Cristo sem estar comprometido a segui-lo. A falta de compromisso significa desviar-se do caminho indicado ou se afastar Dele. Assim, os impedimentos para ser discípulos de Jesus, seriam estar comprometidos com outros interesses ou então, estar comprometidos com outras pessoas por encima Dele, incluindo nosso discipulador ou nós mesmos. Seguir a Cristo, não se constitui em um ato isolado. Não é uma atitude realizada uma vez e nunca repetida. Seguir a Jesus é um compromisso para a vida toda, que só será efetivamente cumprido na eternidade. Segundo as ideias de Boice (2001), isto significa que o discipulado não é somente uma porta de entrada, mas um caminho a ser seguido. O discípulo prova a validade de sua decisão seguindo até o final. O verdadeiro discípulo segue Jesus até o fim, em todos os sentidos.

Jesus espera um compromisso de obediência iniludível de aqueles que querem segui-lo. Em palavras de Phillips:

Quando um homem quis primeiro sepultar o pai antes de seguir Cristo, ele replicou: “[...] Siga-me, e deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos” (Mt 8.22). Homem algum recebeu algum elogio por ter obedecido à ordem de Cristo de segui-lo e tornar-se seu discípulo; era o que se esperava de todos. Jesus disse: “Assim também vocês, quando tiverem feito tudo o que lhes for ordenado, devem dizer: 'Somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever’ ” (Lc 17.10). Assim, quando é que você se torna um cristão, um discípulo de Cristo? Quando vai à frente em resposta a um apelo? Quando

se ajoelha diante do altar? Quando chora sinceramente? Nem sempre. Os primeiros seguidores de Cristo tornaram-se discípulos quando lhe obedeceram, quando “eles, deixando imediatamente seu pai e o barco, o seguiram” (Mt 4.22) A obediência à ordem de Cristo “Siga-me” resulta na morte de si mesmo. O cristianismo sem essa morte é apenas uma filosofia abstrata. É um cristianismo sem Cristo (Phillips, 2008).

Fazer discípulos segundo o modelo de Jesus implica deixar claro para as pessoas que discipulado não é apenas um convite para estudar lições bíblicas, mas um chamado que exige envolvimento num processo de transformação radical de vida conforme os ensinamentos de Jesus e por meio do poder do Espírito Santo. Ser discípulo de Cristo é estar disposto a deixar tudo o que parece apropriado e natural nas nossas vidas, mas impede segui-lo a Ele. Dita disposição, é mais que uma declaração emocional ou sentimento espontâneo. É uma decisão profundamente espiritual de manter-se olhando para Jesus e aprender seu jeito de relacionar-se com o Pai celestial e com as demais pessoas, ao tempo que, progressivamente, vamos renunciando a nossos hábitos, costumes e práticas que nos impedem de ser seus melhores imitadores. Nesse processo, ainda que a decisão seja nossa, é o poder transformador do Espírito Santo que possibilita tal milagre. A diferença de qualquer outro mestre, Jesus não apenas tem capacidade para transmitir conhecimento, Ele tem poder para regenerar vidas segundo a sua própria imagem e fazê-las participantes de sua missão. Por isso, o objetivo máximo do discipulador não é induzir as pessoas a se comprometer com ele ou com alguma organização. O discipulador deve mostrar-se em todo momento, como um obreiro ao serviço de Cristo, ensinando a seus discípulos que o compromisso é com Jesus e a sua missão.

2.2.3. O Discipulado Não é um Processo Forçado

Jesus era o mestre perfeito. Ele não tinha nenhuma falta de graça, conhecimento, sabedoria ou verdade. No entanto, ainda havia pessoas que não aceitaram seu convite e até discípulos que finalmente o deixaram porque não criam nEle, como registram as Escrituras:

Jesus respondeu: — Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e terá um tesouro nos céus. Depois, venha e siga-me. Ouvindo isso, o jovem afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas (Mt 19.21-22).

Contudo, há alguns de vocês que não creem. Pois Jesus sabia desde o princípio quais deles não criam e quem iria traí-lo. Ele acrescentou: — É por

isso que eu disse a vocês que ninguém pode vir a mim, a não ser que isto lhe seja dado pelo Pai. Daquela hora em diante, muitos dos seus discípulos voltaram atrás e deixaram de segui-lo. Jesus perguntou aos Doze: — Vocês também não querem ir? (Jo 6.64-67).

Vemos na narrativa bíblica que Jesus não tinha intenção de manter discípulos pela força. Ninguém era obrigado a ficar com ele ou segui-lo em contra da sua vontade. O discipulado deve ser um processo natural e voluntário na vida da pessoa verdadeiramente convertida. A evidência prática da fé professada em Jesus como Salvador e Senhor. A dinâmica das pessoas saindo e ficando no processo de discipulado, bem como as escolhas de discípulos que perceberam ou desistem da fé, são ocorrências comuns que serão vivenciadas, mesmo quando o fazedor de discípulos seja um imitador exemplar de Cristo. É importante lembrar que Jesus não foi apenas traído por um de seus doze discípulos mais próximos, a saber Judas Iscariotes. Quando foi preso, levado a julgamento e crucificado, os discípulos escaparam e até mesmo um dos três mais próximos, Pedro, negou Jesus quando as pessoas o confrontaram. Depois de escapar, eles também desobedecem as últimas instruções do seu mestre, retornaram aos seus antigos empregos e não continuaram o que Jesus ensinou e fez por eles (Kurniawan, 2022).

Como já dissemos, o discipulado é um chamado ao compromisso absoluto com Cristo; pode implicar abandonar as redes, o barco, a família e a segurança material (Mc 1.16-20, Lc 14:33). Em essência, significa colocar o Reino de Deus acima de qualquer outra coisa (Mt 6.33). Seguir a Cristo não se trata apenas de aprender coisas, mas ser moldado à sua imagem e participar de sua missão (Mt 28.18-20). Muitas pessoas simpatizam com as ideias de Jesus, porém não estão dispostas a assumir semelhante compromisso. Muitos gostam de ouvir os ensinamentos de Jesus comendo de graça pão com peixe (Mt 14.13-21). Porém, poucos estão dispostos a abandonar seus interesses, tomar a sua cruz e seguir o seu exemplo (Mt 16.24).

Davik Guzik comenta ao respeito o seguinte:

Uma vez que Jesus efetivamente desencorajou toda motivação material e terrena para segui-lo, muitos pararam de fazê-lo... É importante fazer o que Jesus fez, e não encorajar outros a seguir Jesus por razões temporais ou materiais, promovendo Jesus simplesmente como algo que acrescenta ter uma vida melhor. Daqueles que vêm dessa maneira, pode ser revelado que nunca lhes foi realmente dado pelo Pai seguir Jesus (Guzik, 2022).

Guzik destaca a fidelidade de Jesus em apresentar a verdade sobre o que significa ser seu discípulo, sem apelar para promessas enganosas ou benefícios materiais imediatos. Essa postura de Jesus contrasta com algumas abordagens contemporâneas que, muitas vezes, apresentam o Evangelho como um meio por excelência para alcançar prosperidade material e sucesso terreno. Jesus nunca escondeu o custo de segui-lo. Em várias ocasiões, Ele deixou claro que o discipulado envolve renúncia, sofrimento e compromisso absoluto (Lc 9.23-24; Mt 8.19-22). Essa honestidade levou muitos a desistirem de segui-lo, mas demonstrou que Jesus estava mais preocupado com a profundidade do compromisso de seus seguidores do que com o número deles.

O discipulado cristão não se centra em benefícios temporais, como uma vida mais confortável, crescimento financeiro ou resolução de problemas pessoais. Essas expectativas, embora atrativas, não refletem a essência do chamado de Cristo. Quem segue Jesus por esses motivos pode se decepcionar ao enfrentar desafios, sofrimentos ou perseguições, optando pelo abandono da fé ao perceber que as suas expectativas não foram atendidas. O chamado de Jesus é para uma transformação de vida, centrada na obediência a Deus e na promoção do seu Reino. Certamente, seguir os ensinamentos de Jesus pode trazer consequências positivas e bem-estar geral em muitas áreas da nossa vida terrena. Porém, Ele não promete facilidades especiais ou ausência de aflições para os que lhe seguem. Ele oferece algo infinitamente superior: comunhão com Deus, paz sobre todo entendimento e vida eterna (Jo 16.33).

Fazer discípulos segundo o modelo de Jesus implica não tentar manipular ou forçar as pessoas através de oferecimentos ou ideias desconectadas dos ensinamentos de Cristo. Apresentar o Evangelho apenas como um produto que melhora a vida é uma prática absolutamente errada. Embora a fé em Cristo traga alegria, propósito e muitas mudanças positivas, esses não são os valores centrais do Evangelho. É fundamental ser honestos ao apresentar o custo do discipulado, alinhados ao exemplo de Jesus, para que os discípulos sejam genuínos e perseverantes.

2.2.4. O Discipulado É Um Relacionamento Pessoal

O discipulado segundo o modelo de Jesus não se reduz a reuniões ou estudos bíblicos formais. É, antes, a construção de um vínculo profundo e transformador entre discípulo e discipulador, que exige coragem para confrontar, humildade para servir e disposição para compartilhar a vida. Kurniawan (2022), destaca pelo menos três razões pelas quais o discipulado a de ser sustentado sobre a base de um relacionamento pessoal:

I. O discipulado gera desconforto. Um relacionamento autêntico de discipulado não evita conflitos ou correções, pelo contrário, ambas coisas são parte do processo. Jesus, como registrado nos evangelhos, frequentemente colocava seus discípulos em situações desconfortáveis para fortalecer sua fé e provocar o crescimento espiritual. Podemos mencionar alguns exemplos: em Marcos 4.40, repreendeu-lhes pela sua incredulidade diante da tempestade; em Marcos 6.37, desafiou-os a alimentar uma multidão, mesmo quando sugeriram dispersá-la; em Marcos 8.33, confrontou Pedro duramente por querer resistir ao plano divino de provações no sofrimento; em Lucas 9.55, repreendeu as atitudes de ignorância espiritual dos discípulos que sugeriram a aniquilação massiva de uma aldeia samaritana; em João 6.61, confrontou os discípulos que se queixavam da complexidade dos seus ensinamentos.

Essas ações não eram arbitrariedades, mas sim meios pedagógicos. Como explica Kurniawan (2022, p. 272), “o desconforto foi um fator importante no crescimento espiritual dos discípulos”, pois confrontava a tendência da carne de resistir à vontade de Deus (cf. Gl 5.17). O discipulador, portanto, não deve temer corrigir em amor ou desafiar espiritualmente, desde que seu objetivo seja o amadurecimento do discípulo. Como destaca Phillips (2008), Jesus iniciou seu ministério chamando doze homens não apenas para ouvir seus ensinamentos, mas para “estar com ele” (Mc 3.14), “dia e noite por três anos” observando-o viver aquilo que ensinava — dessa forma estabeleceu uma comunidade íntima para promover transformações particulares. Nesse tempo os discípulos testemunharam tanto Sua graça imerecida quanto Sua firme correção.

A jornada do discipulado, como analisada por Watts (2004), nos capítulos centrais (8-10) do Evangelho segundo Marcos, retrata Jesus conduzindo os discípulos

por caminhos desconhecidos, simbolizados pela abertura dos olhos dos cegos. Essa metáfora ilustra o processo de formação que ocorre na convivência cotidiana. Sem dúvida nessa estratégia reside uma tensão: como equilibrar amor e confronto? A resposta está na motivação. Como afirma Kurniawan (2022), “é melhor ter desconforto e um processo de discipulado que progride, do que nenhum desconforto e nenhum progresso”. O verdadeiro discipulado rejeita a busca de aprovação humana em favor da integridade espiritual.

II. O discipulado implica serviço. Jesus não apenas ensinou sobre serviço — Ele o encarnou. Em Marcos 10.43-45, declarou: "quem quiser ser grande entre vós, será vosso servo [...] pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir". Kurniawan (2022) ressalta que o discipulador deve evitar posições de superioridade. Em vez disso, deve procurar tornando-se uma "pedra de apoio" para sustentar o crescimento espiritual dos seus discípulos. Esse princípio desmonta qualquer pretensão de hierarquização mundana. O líder que quer servir deve estar disposto a abrir mão de privilégios para caminhar ao lado do discípulo, tal como Jesus lavou os pés dos discípulos (João 13.1-17). O alvo do discipulador é chegar a ser um facilitador exemplar, não um monarca ou ditador egocêntrico.

III. O discipulado é compartilhar a vida. A vida compartilhada é a essência do modelo de Jesus. Ele não se limitou apenas a ensinar nas sinagogas ou participar de liturgias cerimoniais; envolveu-se nas realidades cotidianas dos seus discípulos. Por exemplo: foi visitar a casa de Pedro e curou a sua sogra (Marcos 1.30-31); foi jantar na casa de Mateus em meio a seus conhecidos, “publicanos e pecadores” (Marcos 2.15-17); vivenciou o momento de duelo familiar com suas amigas Marta e Maria (João 11.35). Kurniawan (2022, p. 275) enfatiza que o discipulado “não se restringe ao aprendizado da Palavra”, mas inclui “fazer e compartilhar a vida”. Essa proximidade permitia que os discípulos vissem não apenas Seu poder e Seus milagres, mas também Suas vulnerabilidades — como o suor de sangue escorrendo pela sua frente no Getsêmani (Lucas 22.44). Putman (2018, citado por Kurniawan) ressalta que Jesus estava presente nos momentos mundanos, transformando-os em oportunidades de ensino. Essa dinâmica relacional permitiu que Jesus trabalhasse as individualidades de cada discípulo — suas fraquezas, medos, virtudes e aspirações — enquanto revelava, na prática, o caráter do Filho amado do Pai; amar a Deus e amar ao próximo.

Essa imersão contínua permitia que aprendessem tanto com Suas palavras quanto com Seus gestos, gestos que despertavam um compromisso de obediência a Deus e compaixão pela miséria humana.

Ortiz (1980, p. 59), vai além ao afirmar que o discipulado "não consiste em uma transmissão de conhecimentos ou de informações", mas em uma "transmissão de vida". Jesus mesmo declarou: "As palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida" (Jo 6.63). Isso implica que o discipulador não é um mero instrutor, mas alguém que reflete, na sua própria forma de viver, os valores do Reino. Como enfatiza Ortiz, "ser discipulado não é apenas aprender o que o mestre sabe. É chegar a ser como ele" (p. 60). O objetivo final, segundo Phillips (2008, p.20), é que o discipulador reproduza no discípulo "a plenitude da vida que tem em Cristo", a ponto de este poder treinar outros — um efeito multiplicador que transcende gerações. Essa formação não ocorre em ambientes controlados ou isolados da realidade, mas na complexidade das múltiplas faces da vida cotidiana. Jesus não se limitou a pregar sermões; Ele permitiu que os discípulos O vissem enfrentar seus conflitos familiares, acolher marginalizados, ajudar os vulneráveis, repreender os hipócritas e lidar com a rejeição. Por isso, como adverte Ortiz, discipular "não é uma experiência de sala de aula; é uma experiência de vida" (p. 74). Pastores e líderes que se restringem a palestras ou programas estruturados falham em capturar a essência do modelo cristão, que exige vulnerabilidade, tempo e disponibilidade para que o discípulo, ao conhecer seu mestre, possa imitá-lo, tornando-se uma "duplicata" do seu caráter, compromisso e missão.

Jesus ensinou seus discípulos quando se batizou, quando visitou as sinagogas, quando pregou para multidões na montanha ou na beira do mar, quando viajou até Samaria para se revelar a uma samaritana, quando abraçou um leproso, quando jantou na casa de um cobrador de impostos, quando alimentou multidões de forma milagrosa, quando se afastou a lugares desertos para orar, quando ficou calmo escrevendo no chão frente a uma multidão querendo apedrejar uma mulher pecadora, quando colocou as crianças no seu colo, quando virou as mesas dos cambistas no templo, quando encontrou-se de noite com um mestre da lei, quando lavou os pés deles, etc. Em síntese, o discipulado segundo o modelo de Jesus é um convite a caminhar juntos, onde o discipulador, à semelhança de Cristo, abre espaço para que

o outro observe, questione, falhe e cresça. É nesse ambiente orgânico cheio de graça e verdade que se formam não apenas seguidores, mas multiplicadores capazes de gerar novos discípulos — cumprindo assim o ciclo vital da missão que Jesus encarregou *“Façam discípulos”*.

3. O CONTEXTO PÓS-MODERNO: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

3.1. O QUE É PÓS-MODERNISMO?

Antes de tudo, é necessário salientar que ao falar de pós-modernismo podemos referir-nos a duas linhas de pensamento relacionadas, mas não iguais. Temos o Pós-modernismo como resposta aos movimentos culturais emergentes no final do Século XIX, e o Pós-modernismo como constructo social do período histórico posterior à Modernidade.¹² Neste trabalho focaremos principalmente na segunda vertente.

Segundo a inteligência artificial (Deepseek)¹³, o início da pós-modernidade é frequentemente associado ao período pós-Segunda Guerra Mundial (após 1945), quando a desilusão com os ideais iluministas e o projeto moderno se intensificou. A consolidação de dita perspectiva ganhou força após a queda do Muro de Berlim (1989) e o fim da Guerra Fria, marcando a crise das ideologias totalizantes (como o comunismo) e a ascensão da globalização. Alguns teóricos, como Zygmunt Bauman, para se referir ao mesmo período, preferem utilizar o termo “Modernidade Líquida”¹⁴ para focalizar na descrição da continuidade de certos aspectos modernos em um contexto fluido e fragmentado.

O Pós-modernismo pode ser entendido como uma corrente filosófica e cultural reativa à razão moderna e às certezas do pensamento promotor de verdades únicas e definitivas. Segundo Peters e Burbules (2004, pág. 12) o Pós-modernismo representa uma transformação em relação à Modernidade. Na medida que pensadores pós-modernos questionavam as verdades que, achavam-se, sustentadoras da unicidade do mundo, práticas e valores vigentes até então sofreram mudanças e um novo ethos se formou. O movimento pós-moderno desafiou a noção de que existem verdades absolutas, considerando que os sistemas de poder enraizados na sociedade criavam divisões simplistas, como ‘nós versus eles’, que funcionavam como lentes distorcidas pelas quais tentava-se enxergar a realidade, porém filtrando nuances e reduzindo a riqueza da experiência humana a categorias geralmente binárias e opostas. Assim, conceitos como razão, ciência e arte, antes

¹² DOS SANTOS, A. I. Pós-estruturalismo e Pós-modernismo: diferenças, semelhanças e potencialidades para pensar a educação. **Revista Cocar**, v. 19, n. 37, p. 1–21, 2023.

¹³ DEEPSEEK-V3. **Resposta sobre como identificar o período histórico da pós-modernidade**. [S.l.]: DeepSeek, 2023. Disponível em: <https://www.deepseek.com>. Acesso em: 15 fev. 2025.

¹⁴ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 1. ed. [s.l.] Zahar, 2001.

vistos como pilares inquestionáveis da modernidade, perderam sua aura de neutralidade. Tornaram-se, na visão pós-moderna, narrativas construídas ou “metarrelatos modernos” (Dos Santos, 2023, p. 8) e não mais ‘leis universais’, mas histórias que precisavam ser desmontadas para revelar quem as contava e por quê.

A simples vista, o pós-modernismo poderia parecer um fenômeno crescente de incredulidade massiva. Porém, alguns filósofos tentam explicar que não é bem assim. Jean-François Lyotard, escreve “A condição pós-moderna é, todavia, tão estranha ao desencanto como à positividade cega da deslegitimação” (Lyotard, 1979, p. 17). Ele sugere que a condição pós-moderna não se resume nem à completa perda de fé, que remete à ideia de um mundo desprovido de magia e significado, nem a uma rejeição acrítica e absoluta – quase como um ato de afirmação positiva sem reflexão – de todas as formas de legitimidade. Em outras palavras, para Lyotard, o pós-moderno não se deixa levar por um niilismo que simplesmente desvaloriza tudo nem se entrega a um processo simplista de descarte total dos discursos e instituições que outrora fundamentaram a modernidade. O que ele propõe, é uma postura de incredulidade direcionada especificamente aos grandes relatos totalizadores (metanarrativas), mantendo, contudo, a possibilidade de legitimação de saberes e discursos em contextos locais e parciais.

Essa “estranheza” aponta para a complexidade do momento pós-moderno, que foge às dicotomias simplistas entre o desiludido e o radicalmente negativo, e o otimista e cego na sua negação, para valorizar a multiplicidade de perspectivas, em que o conhecimento e a verdade são vistos como construções históricas, contextuais e, portanto, parciais. Desta maneira, o pensamento pós-moderno defende a não existências de verdades absolutas e universais; o que se tem como verdade termina sendo o produto de uma construção histórica e cultural. Nessa perspectiva permeada de relativismo, sustenta-se que diferentes grupos sociais, culturas e indivíduos possuem suas próprias formas de ver e interpretar o mundo, sem que uma delas possa se afirmar como a única legítima.¹⁵

¹⁵ METANARRATIVA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. [S. l.]: Wikimedia Foundation, 2025. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Metanarrativa>. Acesso em: 21 jan. 2025.

3.2. PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PÓS-MODERNISMO

3.2.1. Desconfiança das autoridades

A desconfiança das autoridades na sociedade pós-moderna está ligada à fragmentação social e à perda de um propósito comum, resultando em um ceticismo generalizado em relação às instituições e as metanarrativas. Essa desconfiança é alimentada pela percepção de que as autoridades não representam mais os interesses coletivos, mas sim interesses individuais ou de grupos específicos. Além disso, o ênfase exagerado na autenticidade, a autorrealização e o hedonismo promovem a rejeição das normas e valores tradicionais, contribuindo para a deslegitimação de qualquer figura ou ente detentor de autoridade. Nesse sentido Charles Taylor apresenta o seguinte argumento:

Coisas que foram um dia estabelecidas por alguma realidade externa - a lei tradicional, digamos, ou a natureza - agora são referidas como nossa escolha. Questões em que devíamos aceitar os ditados da autoridade, agora precisamos pensar por nós mesmos. A liberdade moderna e a autonomia nos centram em nós mesmos, e o ideal de autenticidade requer que descubramos e articulemos nossa própria identidade. (Taylor, 2011)

Para Taylor, os paradigmas sociais têm experimentado mudanças significativas. Antigamente normas, leis e até mesmo a “natureza” eram consideradas fontes externas e incontestáveis de legitimidade – ditadas que deviam ser aceitas sem questionar. No entanto, na perspectiva pós-moderna, a autoridade de qualquer discurso ou ente está sujeita a nossas escolhas pessoais. Isso significa que aquilo que antes era imposto externamente (por exemplo, a religião) hoje é visto apenas como um convite para que cada indivíduo pense por si mesmo, assumindo a responsabilidade de definir sua própria identidade e seus valores. A “liberdade moderna”, então, não é apenas vista como a ausência de restrições, mas a exigência de uma autonomia que nos coloca como autores e protagonistas da nossa própria narrativa de vida. O ideal de autenticidade, nesse contexto, não é apenas um desejo abstrato, mas uma tarefa prática. Trata-se mais sobre descobrir, articular e vivenciar uma identidade que seja resultado das nossas próprias escolhas, e não da aceitação cega de imposições externas. Desde esse ponto de vista, a desconfiança à autoridade enxerga-se como um movimento necessário para a libertação individual da “manipulação” dos discursos universais e totalizantes, abrindo espaço para uma ética centrada na individualidade e na responsabilidade pessoal de construir significado.

Sem embargo, tamanha mudança também traz consigo o desafio de que cada pessoa tenha as atitudes e aptidões para manter-se engajada num processo de autorrealização constante, sem depender do respaldo oferecido pela influência de nenhuma “autoridade externa”. Hoje, muitos enxergam na autonomia e na liberdade moderna a oportunidade de nos desligar da manipulação das autoridades externas – fazendo com que o que outrora nos era imposto passe a ser uma escolha pessoal para a construção de uma identidade autêntica. No entanto, alguns pensadores como Han Byung Chul (Byung-Chu, 2015) apresentam uma visão crítica desse tipo de posicionamentos. No seu livro *Sociedade do Cansaço*, Byung-Chu argumenta que esse tipo de percepção de liberdade, ao ser internalizada como o imperativo de auto otimização e desempenho constante, transforma-se num fardo que conduz ao esgotamento psíquico do indivíduo. Para Han, a exigência de estar sempre se reinventando e performando a própria existência não nos liberta, mas nos aprisiona numa lógica de exaustão e cansaço crônico, corroendo a possibilidade de uma reflexão profunda e autêntica sobre nós mesmos.

3.2.2. Cultura do Descarte

Tecnicamente, “cultura do descarte” é um termo que identifica a prática de jogar as coisas fora após um único uso, ou após um curto período de utilização. O mesmo termo é usado no contexto dos relacionamentos para se referir ao hábito de tratar, excluir e descartar pessoas como se fossem simples objetos. O critério básico que sustenta a cultura do descarte é a consideração de utilidade ou inutilidade que algo possa ter para satisfazer as nossas necessidades ou desejos. Numa sociedade engolida pelo consumismo e os avanços tecnológicos, onde interesses comerciais promovem o descarte das coisas “velhas” para usufruir das “novidades”, corremos o risco de tratar as pessoas, seguindo os mesmos critérios usados em relação às coisas.

A cultura do descarte é um reflexo da transformação radical nas relações de poder e nas práticas sociais na pós-modernidade. Segundo Bauman, “numa notável reversão da tradição milenar, são os grandes e poderosos que evitam o durável e desejam o transitório”¹⁶, evidenciando que na atualidade, as grandes empresas de tecnologia, como protagonistas e condutoras de muito da agenda mundial, preferem

¹⁶ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 1. ed. [s.l.] Zahar, 2001.

o efêmero ao permanente, viabilizando cada vez mais condições que permitam substituir ou descartar qualquer coisa rapidamente – até mesmo pessoas (Ex.: as redes sociais). Essa preferência pelo transitório não apenas marca uma mudança estética ou superficial, mas também impulsiona a desintegração dos laços sociais, pois “a desintegração social é tanto uma condição quanto um resultado da nova técnica do poder, que tem como ferramentas principais o desengajamento e a arte da fuga”.¹⁷ Nesse cenário, os detentores do poder, tem contribuído de alguma forma, na propagação da ‘fragmentação’¹⁸ social, incentivando a substituição constante e o enfraquecimento da construção de vínculos sólidos através de relacionamentos permanentes e comprometidos. Na visão de Bauman, a busca por satisfação imediata e a urgência do consumo ameaçam os valores mais profundos e duradouros da vida humana. Esse tipo de mentalidade pode virar um predador das relações sociais tradicionais, pois nessa ótica qualquer pessoa se torna consumível e descartável.

Um dos efeitos colaterais da cultura do descarte é a autoconstrução de uma ética conveniente. A prática contínua de descartar pessoas com ligeireza pode criar em nós a ideia de que os outros sempre são mais culpados ou seus erros são mais graves, quanto muito, as nossas equivocções podem ser as mesmas que qualquer outro cometeu, porém, as nossas intenções eram boas. A capacidade de enxergar nossos erros de forma objetiva diminui progressivamente. “A ética conveniente é perigosa e nociva, nos torna entrópicos e incoerentes”¹⁹ se for adotada como um conjunto de valores que prioriza a facilidade e a adaptação imediata às circunstâncias. Dessa maneira, torna-se um instrumento pernicioso no contexto da cultura do descarte. A pessoa ao invés de exigir um compromisso profundo com a responsabilidade e a construção de vínculos duradouros, prefere favorecer escolhas imediatistas que dispensam reflexões críticas e qualquer tipo de comprometimento a longo prazo. Em uma sociedade onde até mesmo os vínculos e os objetos são constantemente descartados em favor do transitório – como aponta Bauman –, a ética conveniente contribui para um estado de entropia moral, em que a coesão dos valores

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Fragmentação: falta de conexões entre grupos sociais. Pode ser caracterizada por uma ausência de vínculos entre pessoas que compartilham características como cultura, nacionalidade, religião, renda, etc. (Conceito gerado com a IA generativa e experimental do Google).

¹⁹ ZANINI, L. **Ética por conveniência!** Disponível em: <<https://portallitoralsul.com.br/etica-por-conveniencia/>>. Acesso em: 6 mar. 2025.

é corroída e a consistência ética se perde. Essa abordagem não só desestabiliza o senso coletivo de responsabilidade, como também fomenta uma incoerência generalizada, na medida em que cada indivíduo, ao se desengajar das implicações mais profundas de suas escolhas, acaba por reforçar um ciclo de imediatismo e relativismo social.

Sem dúvida, cada indivíduo pode e deve ter suas referências próprias, valores e convicções particulares. Mas ao mesmo tempo, ter consciência das suas imperfeições e vulnerabilidades, sabendo que hoje se julga e amanhã se é julgado, pois somos virtuosos e imperfeitos ao mesmo tempo. Um dos maiores aprendizados que podemos adquirir é olhar para equívocos alheios com o mesmo senso de justiça com que olhamos para os nossos.²⁰ Não com o intuito de baixar o “standard” e justificar o mal comportamento coletivo. Mas sim procurando equilíbrio e integridade, com o propósito de chegar a ser agentes de transformação positiva no nosso entorno relacional.

3.2.3. Hiperindividualismo

De forma simples, o hiperindividualismo pode ser definido como a ênfase excessiva no “eu” que leva o indivíduo a se isolar e a priorizar seus interesses acima de qualquer compromisso coletivo. Tal comportamento fragiliza as relações sociais, pois cada pessoa se interessa em buscar a sua autonomia de forma quase absoluta, frequentemente em detrimento do bem comum e da construção de vínculos duradouros. Sendo uma das principais características da pós-modernidade, o hiperindividualismo reflete a inversão paradoxal da conquista da liberdade pessoal, que, embora celebre o direito de escolher o próprio destino, tende a isolar o indivíduo num universo de egocentrismo e esvaziamento de sentido. À vista disso, Charles Taylor (2011) argumenta que a liberdade moderna, ao romper com as antigas ordens que dotavam a vida de significado – sejam elas cósmicas ou sociais –, acaba por concentrar o foco exclusivamente no “eu”, restringindo a visão do mundo e enfraquecendo a dimensão da existência. Esse estreitamento, é ilustrado na filosofia nietzschiana com a figura dos “últimos homens”, a qual propõe que a autonomia desenfreada pode levar à perda de uma aspiração de propósitos coletivos maiores

²⁰ Ibid.

que nós, relegando o indivíduo ao conforto de prazeres pequenos e à solitária busca por realização interna.²¹

Bauman (2001), ao analisar o assunto da individualização na sua obra “modernidade líquida”, escreve:

A individualização traz para um número sempre crescente de pessoas uma liberdade sem precedentes de experimentar — mas (*timeo danaos et dona ferentes*) traz junto a tarefa também sem precedentes de enfrentar as consequências. O abismo que se abre entre o direito à autoafirmação e a capacidade de controlar as situações sociais que podem tornar essa autoafirmação algo factível ou irrealista parece ser a principal contradição da modernidade fluida — contradição que, por tentativa e erro, reflexão crítica e experimentação corajosa, precisamos aprender a manejar coletivamente.

O postulado de Bauman afirma que a escolha de uma liberdade sem precedentes para experimentar e afirmar a própria identidade vem acompanhada de uma carga igualmente inédita de responsabilidade sobre as consequências dessa escolha. Ao citar a expressão latina “*timeo danaos et dona ferentes*” (temo os gregos, mesmo quando trazem presentes), ele sugere que essa liberdade, embora sedutora, pode ser uma armadilha, pois impõe ao indivíduo um peso existencial que antes era diluído em estruturas sociais mais estáveis. Diferentemente das sociedades tradicionais, onde os papéis e as normas eram mais definidos, a modernidade rompe com essas referências, deixando os indivíduos sozinhos para navegar as complexidades da vida social sem garantias de sucesso ou apoio coletivo.

Esse é um dos dilemas da pós-modernidade, como superar exitosamente a brecha que existe entre o direito à autoafirmação e a capacidade real de exercer esse direito. Embora na atualidade muitas vozes incentivam a “ser nós mesmos” e a buscar nossa autenticidade, geralmente não temos o controle pleno sobre as forças sociais e econômicas que moldam nossas oportunidades. A autonomia radical prometida pelo hiperindividualismo moderno pode, na prática, resultar em frustração, insegurança e ansiedade, pois a ausência de estruturas coletivas de suporte transforma cada indivíduo em único responsável por seu destino. Nesse sentido, surge a necessidade de manejar coletivamente essa contradição, entendendo que a solução não está no isolamento, mas na reconstrução de laços sociais e na criação de novas formas de

²¹ TAYLOR, C. **A Ética da Autenticidade**. Tradução: Detalyta Carvalho. São Paulo : Realizações Editora, 2011.

solidariedade que permitam equilibrar a liberdade pessoal com a responsabilidade comunitária.

Curiosamente, pensadores mais antigos como Alexis de Tocqueville (1805-1859), identificaram o individualismo como um mal potencial inerente às igualdades democráticas promovidas nas épocas posteriores a duas grandes revoluções (Francesa e Americana).²² Ainda não concordando com a totalidade das suas ideias, é muito interessante a perspectiva do seu análise sobre o individualismo, tendo presente que seu pensamento foi construído no século XIX, influenciado por acontecimentos do século XVIII. Para ele, enquanto o egoísmo é um instinto primitivo de autopreservação e favorecimento próprio, o individualismo é um fenômeno moderno e reflexivo, onde o indivíduo se isola da sociedade e restringe suas preocupações a um círculo pessoal reduzido. Na sua opinião, esse processo é impulsionado pela igualdade democrática, que, ao eliminar as estruturas hierárquicas fixas das sociedades aristocráticas, dissolve também os laços de interdependência entre as pessoas. Na aristocracia, segundo Tocqueville, os cidadãos estavam ligados por uma "longa cadeia" de obrigações e solidariedade, que iam do camponês ao rei. Já na democracia, essa cadeia se rompe, transformando os indivíduos em "elos separados", cada um focado em sua própria existência, sem um senso de continuidade com o passado ou de responsabilidade pelo futuro.

O comportamento social identificado por Tocqueville, acha continuidade na visão de hiperindividualismo pós-moderno construída por autores como Charles Taylor e Zygmunt Bauman (citados anteriormente); para Taylor a liberdade moderna, rompe com as antigas ordens cósmicas e sociais, isolando o indivíduo em um universo onde tudo se reduz à sua experiência subjetiva, levando à perda do senso de propósito e pertencimento. Bauman, por sua vez, acha nas complexidades do mundo moderno elementos que propiciam a descartabilidade e fragilização das relações humanas, junto a rejeição ao compromisso, pois o indivíduo termina valorizando a flexibilidade e a autonomia em detrimento da construção de vínculos sólidos. Assim, o hiperindividualismo atual pode ser visto como o resultado extremo de mudanças sociais progressivas, que conseguiram que as pessoas não apenas se sentam livres para moldar sua própria vida, mas também gradualmente desobrigadas de qualquer

²² TOCQUEVILLE, A. DE. **De la Démocratie en Amérique**. Paris : Prodinova, 2012.

responsabilidade coletiva, resultando num isolamento crescente e numa crise do sentido existencial comunitário.

3.2.4. Relações Líquidas

O termo “relações líquidas” é utilizado para caracterizar o tipo de relacionamento social dominante na pós-modernidade. A ideia de “líquido” remete à visão de Bauman de que a sociedade atual é caracterizada por fluidez, volatilidade e mudanças constantes.²³ Em outras palavras, os vínculos sociais e os acontecimentos são efêmeros e transitórios. Tudo pode ocorrer de forma rápida e sem manter uma forma fixa ou duradoura. Isto representa uma mudança desafiadora com potencial para condicionar a capacidade de adaptação e desenvolvimento de muitos indivíduos; tanto para os que vivenciaram modelos de relacionamentos mais sólidos em épocas passadas, quanto para os nativos modernos, porque as relações interpessoais são um elemento determinante na formação da pessoa. Myers (2000, citado por Zanatta, T., et al., em Garcia, A., et al. 2013) propõe que os relacionamentos interpessoais podem ser considerados, aspecto fundamental na existência humana, uma vez que desde o nascimento tem-se a necessidade de ligação com os outros por meio de laços permanentes e íntimos. Antigamente, em condições normais, os indivíduos costumavam construir vínculos sólidos e permanentes com pessoas do seu círculo familiar, seus amigos e seus parceiros de namoro. Com frequência, esse tipo de relações visavam o “juntos para a vida toda”. Hoje, essa consigna tem perdido muita popularidade. Os relacionamentos líquidos não são apenas um reflexo passageiro da cultura contemporânea, mas um mecanismo de adaptação, em muito induzido pelas mudanças inevitáveis que permeiam um mundo desprovido de estabilidade.

Na pós-modernidade, os vínculos humanos são moldados pela lógica do descartável. As relações — amorosas, profissionais ou sociais — podem ser vistas como conveniências momentâneas, provisórias e substituíveis. O medo do compromisso inviabiliza ir além em procura de estabilidade. Bauman argumenta que, em uma sociedade obcecada por evitar riscos, o comprometimento é visto como uma “prisão”, limitando a liberdade de escolha.²⁴ Um exemplo palpável de tal paradigma é

²³ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 1. ed. [s.l.] Zahar, 2001..

²⁴ BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama; Tradução: Cláudia Martinelli. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

a proliferação das redes sociais (como Instagram) e os aplicativos de relacionamento amoroso (como Tinder) que refletem essa lógica: conexões são feitas e desfeitas no instante com apenas um deslizar de dedos, priorizando a quantidade sobre a profundidade. Em referência a este comportamento moderno, o sociólogo britânico Anthony Giddens, no seu livro *A Transformação da Intimidade*, usa o termo “relacionamentos puros” para identificar o tipo de relações nas quais os laços persistem apenas enquanto satisfazem os desejos ou necessidades dos envolvidos. Quando deixam de ser úteis, são substituídos.²⁵

A dinâmica das relações líquidas funciona como um tipo de mercantilização dos afetos. Os relacionamentos são vistos como *commodities*²⁶ ofertados em um mercado de capital emocional. Segundo Jameson (1997), o *capitalismo tardio* (ou “terceira fase” do capitalismo, marcada pela globalização, financeirização e consumo cultural massivo) não é apenas um sistema econômico, mas uma lógica cultural totalizante que redefine valores, identidades e até a subjetividade humana, capaz de influenciar ao indivíduo pós-moderno a administrar as conexões interpessoais como simples produtos a serem consumidos, segundo seus desejos ou necessidades. Para Jameson, a fragilidade das relações pós-modernas — marcadas por efemeridade, superficialidade e cálculo — é sintoma de uma sociedade onde tudo, inclusive os afetos, é submetido à lógica do mercado. Essa dinâmica pode alienar pessoas e escravizá-las a procura constante de experiências prazerosas, ignorantes (voluntárias ou involuntárias) das consequências emocionais ao meio e longo prazo. Bauman (2001), descreve esse comportamento como a ética de “ir às compras no supermercado”²⁷, onde amizades, amores e até identidades podem ser selecionadas, experimentadas e descartadas segundo a “livre vontade” do consumidor. Sob essa ótica, os “outros” além de “nós” deixam de ser um fim em si mesmo, uma “pessoa” e passam a ser vistos como recursos para gratificação temporal.

Byung-Chul Han (2015), nesse sentido, ainda traz uma reflexão interessante:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias

²⁵ GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo : Editora UNESP, 1993.

²⁶ A tradução da palavra ‘commodity’ significa mercadoria. Há alguns anos, a palavra era utilizada exatamente neste sentido, para se referir a mercadorias como um todo. Porém, ao longo do tempo, o termo passou a ser utilizado para falar de mercadorias de produtos básicos de matéria-prima. Serasa.com.br

²⁷ BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 1. ed. [s.l.] Zahar, 2001.

de *fitness*, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos.

Essa lógica, que Han denomina “sociedade do desempenho”, extrapola a esfera profissional até invadir as relações interpessoais, convertendo-as em ferramentas para otimização individual. Na sua opinião, na sociedade pós-moderna o controle não é mais exercido por instituições e regras externas. Hoje o controle é internalizado, de alguma forma o indivíduo se torna seu próprio capataz, perseguindo a ideia de que deve ser “a melhor versão de si mesmo” em todas as áreas da vida. Essa auto exploração moderna é cada vez mais evidente nos diferentes círculos sociais; pessoas obcecadas na procura de metas de carreira, aparência pessoal, sucesso financeiro, dietas pessoais, rotinas de exercícios, etc. Os relacionamentos não escapam dessa lógica. Os vínculos amorosos, as amizades e até a família podem ser vistos como projetos a serem gerenciados, onde o sucesso é medido por indicadores de resultados e não pela valorização dos processos. Segundo Han (2015), a sociedade atual é regida pelo “exagero de positividade”²⁸ compulsória — a exigência de sermos sempre exitosos, felizes, sociáveis e resilientes.

Isso corrói a autenticidade das emoções e desvaloriza os afetos, os quais são redefinidos como expressões necessárias para preencher as expectativas sociais (ex.: sorrisos falsos no trabalho para ganhar o favor de alguém, declarações de amor públicas nas redes sociais, o típico “tudo bem” ainda quando na realidade nos sentimos desgastados, carentes ou vulneráveis). Todo isto deixa o indivíduo cada vez mais esgotado. Exausto por ter que performar continuamente. Desta forma a vida parece ficar cada vez mais pesada e solitária mesmo rodeada de conexões.

²⁸ BYUNG-CHUL, H. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

4. DESAFIOS E OPORTUNIDADES DO PÓS-MODERNISMO NA APLICAÇÃO DO MODELO DE DISCIPULADO DE CRISTO.

O pós-modernismo, como período histórico, é uma época de mudanças complexas, caracterizadas pela rejeição às metanarrativas e figuras de autoridade, a cultura do descarte e consumismo, o hiperindividualismo e a liquidez relacional. Essas mudanças apresentam desafios significativos ao modelo de discipulado de Cristo, que se baseia em verdades absolutas, compromisso radical, valorização da coletividade e relacionamentos profundos. No entanto, nessas mesmas mudanças podemos achar brechas que, com criatividade e seriedade, poderiam ser transformadas em oportunidades para uma prática discipular mais contextualizada, capaz de dialogar com a realidade moderna sem perder a fundamentação bíblica.

Neste capítulo, procura-se explorar como algumas características do pós-modernismo (desconfiança de autoridades, cultura do descarte, hiperindividualismo e relações líquidas) que desafiam frontalmente o modelo de discipulado de Cristo, paradoxalmente, também poderiam potencializar a aplicação, o alcance e a efetividade do mesmo.

4.1 DESCONFIANÇA DE AUTORIDADES VS O MODELO DE AUTORIDADE EM CRISTO.

4.1.1. Autoridade em crise: O desafio da desconfiança para o discipulado cristão.

É bem certo que a sociedade atual experimenta uma tendência crescente de desconfiança em relação às figuras de autoridade e as estatísticas o confirmam. Por exemplo, pesquisas do Pew Research Center²⁹ mostram como no decorrer dos anos, nos Estados Unidos a confiança pública no governo federal tem caído acentuadamente – sendo que em 1964 a confiança no governo era de um 77% e no ano 2023 apenas o 16% dos entrevistados afirmaram ter "muita confiança" no governo, um número bem inferior ao registrado em períodos anteriores. Pela sua vez, no Brasil, uma pesquisa feita recentemente pelo PoderData³⁰ (divisão de pesquisas

²⁹ PEW RESEARCH CENTER. **Public Trust in Government: 1958-2024**. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2024/06/24/public-trust-in-government-1958-2024/>>.

³⁰ COLOMBO, G. **PoderData: só 11% dizem “confiar muito” no trabalho da polícia**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poderdata/poderdata-so-11-dizem-confiar-muito-no-trabalho-da-policia/>>.

do jornal Poder360), mostra que só 11% dos brasileiros dizem confiar plenamente no trabalho da polícia brasileira. Segundo a pesquisa, 55% dos entrevistados afirmam “confiar pouco” e 24% afirmam “não confiar” nas forças policiais. Esses dados refletem a complexidade da dinâmica moderna, onde com muita força, mas com pouca reflexão das consequências, se pregam as supostas virtudes libertadoras da insurgência, o individualismo e a autonomia pessoal. Lamentavelmente, cada vez mais, essa mensagem parece encontrar algo de justificativa na crescente mala práxis das organizações que deveriam dar forma e estabilidade à vida social. Essa desconstrução da valorização das figuras de autoridade tradicionais com frequência é entendida como parte de um movimento mais amplo de revalorização do “eu” e de uma busca por significados que não dependam de relatos universais e totalizantes.

Desta maneira, a desconfiança generalizada em instituições e figuras de autoridade representa um grande desafio para o discipulado, já que dificulta a aceitação do senhorio de Cristo e a autoridade das lideranças espirituais (pastores, mestres, anciãos, etc.). O indivíduo pós-moderno é propenso a ver o processo de discipulado como mais uma forma de controle e limitação sistemática, e não como um convite à libertação e ao desenvolvimento de uma vida plena. Tal propensão muitas vezes é reforçada pelas crises de credibilidade que enfrentam as organizações cristãs, devido a escândalos sexuais, financeiros, políticos, ideológicos e até teológicos nos quais tem se visto envolvidos muitos líderes. Se de fato a sociedade pós-moderna tem uma tendência crescente a desconfiar de processos que proponha qualquer tipo de relacionamento hierárquico, fica ainda mais difícil a aceitação do convite ao discipulado quando o discipulador não reflete um caráter irrepreensível. Por essa razão, considero que não apenas a desconfiança às autoridades por parte do indivíduo pós-moderna seja um desafio para a aplicação do modelo de discipulado de Cristo, mas também a falta de integridade e maturidade espiritual dos discipuladores.

4.1.2. Autoridade servil: Um contraste que pode atrair corações desiludidos.

Jesus Cristo, embora tenha autoridade máxima sobre todo o universo (Mt 28.18) não se apresenta como um líder impositivo e autoritário. Ele faz um convite ao relacionamento autêntico (Mt 11.28-30), mas respeita a liberdade de escolha do indivíduo (Jo 6.67). Além disso, Jesus redefine os padrões de hierarquia social tradicionais e apresenta um modelo de autoridade fundamentado no serviço (Mr

10.45) e no exemplo (Jo 13.15); no modelo de discipulado de Cristo a autoridade está diretamente atrelada à disposição de servir ao próximo e vivenciar uma vida de integridade. Isto representa um enorme contraste com o modelo de autoridade praticado na sociedade atual.

À vista disso, a tendência das pessoas a rejeitar autoridades opressoras e hierarquias rígidas pode ser transformada numa oportunidade estratégica para apresentar a Cristo como o modelo perfeito de autoridade, que ama, serve e liberta (Fp 2.5-7). Desta forma, líderes que seguem o exemplo de Jesus, vivendo com integridade e transparência tornam-se testemunhas críveis em um mundo cético. Na nossa sociedade atual o discipulado deve ser oferecido como um processo de partilha e vulnerabilidade mútua, alicerçado no modelo de autoridade construído por Cristo.

4.2. CULTURA DO DESCARTE VS EXIGÊNCIA DE COMPROMISSO

4.2.1. A Extinção dos Vínculos Duradouros.

Uma das características mais marcantes da sociedade pós-moderna é a sua propensão exagerada ao consumo e descarte. A ONU, no relatório do Programa das Nações Unidas para o Ambiente (UNEP)³¹, apresentou que para o ano 2021 foram desperdiçadas no mundo, cerca de 931 milhões de toneladas de alimentos. No ano 2017, a Fundação Ellen MacArthur emitiu um relatório³² destacando que 85% das roupas produzidas anualmente no mundo são descartadas ou queimadas, muitas vezes após pouco uso. Nesse cenário, para o ano 2050, mais de 150 milhões de toneladas de roupas seriam depositadas em aterros ou incineradoras. Por outra parte, nos Estados Unidos, o ciclo médio em que as pessoas substituem seus smartphones é de 26 meses³³. Estes são apenas alguns dados estatísticos que refletem o impacto da mentalidade consumista nas diferentes esferas da sociedade.

Como foi colocado no capítulo dois do presente trabalho, a cultura do descarte, no âmbito relacional, promove a ideia de que os relacionamentos são conveniências momentâneas e as pessoas – degradadas à categoria de objeto – são consumíveis e

³¹ UNEP. UNEP Food Waste Index Report 2021. Disponível em: <<https://www.unep.org/resources/report/unep-food-waste-index-report-2021>>.

³² ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. A New Textiles Economy: Redesigning Fashion's Future. Disponível em: <<https://www.ellenmacarthurfoundation.org/a-new-textiles-economy>>.

³³ JARDIM, E. FROM SMART TO SENSELESS: The Global Impact of 10 Years of Smartphones (M. E. De Matteo, Ed.) www.greenpeace.org. Washington, D.C.: Greenpeace, 2 mar. 2017.

descartáveis, tudo isso segundo a vontade do consumidor. Essa ideia gera medo ao compromisso em duas direções antagônicas. Primeiro, temos o medo gerado no indivíduo que aprova esse tipo de pensamento; ele ou ela, apenas quer “curtir a vida do seu jeito”, pelo que relacionamentos que impliquem compromisso e permanência podem ser vistos como “prisões” que limitam as liberdades de escolha e satisfação.

Por outro lado, temos o medo gerado no indivíduo que discorda desse tipo de ideais, porém sabe que esse pensamento se faz cada vez mais comum na sociedade atual; ele ou ela, gostariam de estabelecer relacionamentos comprometidos e estáveis, no entanto, abrir o coração para outra pessoa significaria correr um risco muito grande de ser “consumido e descartado”. Esse medo é ainda mais forte quando a pessoa tem antecedentes traumáticos. Assim, seja por uma ou outra razão, a cultura do descarte impede a construção de vínculos duradouros.

Consequentemente, essa visão de mundo representa um grande desafio para o discipulado segundo o modelo de Cristo, porque a insegurança relacional promovida pela cultura do descarte mina as noções de compromisso necessárias para a consolidação do processo. Nesse contexto, pode ser difícil achar pessoas que queiram ser discipuladas. Ainda mais, tendo achado pessoas, em qualquer momento as exigências do discipulado ou a falta de resultados imediatos podem provocar que o mestre ou até o processo sejam descartados sem vacilo nenhum.

4.2.2. Discipulado como Espaço de Comunhão e Compromisso.

A dinâmica de consumo e descarte tende a gerar um ciclo de insatisfação permanente no indivíduo pós-moderno. Por esta razão muitas pessoas podem chegar a experimentar fadiga emocional, depressão e ansiedade como consequência das relações efêmeras, a valorização relativa e a falta de propósitos duradouros. Esse panorama, primariamente negativo, abre uma janela de oportunidades para sermos “o sal e a luz”³⁴ da nossa geração. O discipulado segundo o modelo de Cristo, é um processo que consegue atingir duas dimensões relacionais fundamentais para o ser humano: a relação individual (Eu-Deus) e a relação coletiva (Eu-Nós). Efetivamente, este processo exige compromisso com Cristo, e consequentemente com o próximo. Porém, a diferença da vacuidade e as incertezas dos relacionamentos pós-modernos,

³⁴ Mateus 5.13-14

o discipulado é um relacionamento que implica um compromisso bilateral, ao tempo que oferece identidade, pertença, significado e propósito além da nossa mera existência. Um grupo de discipulado segundo o modelo de Cristo deve ser ideado como a extensão de uma comunidade de fé maior, capaz de oferecer um entorno seguro para criar relações de comunhão e compromisso com os outros. Um espaço de acolhida, de consolo, de apoio, de exortação e de ensino, onde as pessoas se sintam dignificadas pelo que são e não apenas pelo que possam produzir, onde limitações, defeitos e lutas não sejam razões para o descarte sino o ponto de partida de uma jornada que nos leve a sermos mais parecidos com Jesus.

4.3. HIPERINDIVIDUALISMO VS VIDA COMUNITÁRIA DE FÉ

4.3.1. O “Eu” Acima De Tudo.

Antigamente, o individualismo era uma característica associada a determinadas culturas ocidentais, mas recentes pesquisas mostram que hoje é uma propensão crescente e globalizada. Uma pesquisa³⁵ abrangendo 51 anos de dados colhidos em 78 países, revelou que desde 1960 as práticas e valores individualistas cresceram aproximadamente 12% globalmente. Esse incremento está fortemente correlacionado com o desenvolvimento socioeconômico das pessoas, sugerindo que melhorias nos níveis de educação e renda podem fomentar valores mais individualistas. Além disso, dados do *World Happiness Report de 2025*³⁶ (Relatório Mundial da Felicidade 2025) mostram que, nos Estados Unidos, cerca de 25% dos indivíduos passaram a fazer todas as refeições sozinhos em 2023, representando um aumento de 53% desde 2003. Esse comportamento é especialmente prevalente entre pessoas com menos de 35 anos e reflete uma tendência crescente de isolamento social e supervalorização das preferências individuais. Essas tendências não se limitam ao Ocidente. Em países da África, Ásia e América Latina, a capacidade de moldar o próprio destino profissional e pessoal é vista como um verdadeiro “símbolo de status”. A independência é altamente valorizada, com 79% das pessoas acreditando que cada um deve estabelecer seus próprios princípios orientadores em total independência.

³⁵ SANTOS, H. C.; VARNUM, M. E. W.; GROSSMANN, I. Global Increases in Individualism. *Individualistic Practices and Values Increasing Around the World*, v. 28, n. 9, 13 jul. 2017.

³⁶ HELLIWELL, J. F. et al. *World happiness report 2025*. University of Oxford: Wellbeing Research Centre, 2025.

No entanto, o individualismo pode ser manifestado de muitas formas: alguns indivíduos se concentram no “sucesso profissional” como o cerne de sua identidade, enquanto outros abraçam a necessidade de “simplificar” suas vidas e se libertar das pressões sociais. Em relação a isso, segundo o relatório *Ipsos Global Trends 2024*³⁷ (Tendências Globais da Ipsos 2024) das pessoas que dizem sentir sobrecarga social, 61% admitem sentir essa carga pela abundância de escolhas e possibilidades na sociedade moderna. Por isso alguns tentam reduzir o supérfluo e voltar a um ritmo de vida mais lento e solitário (“soft life”), enquanto outros procuram refúgio nas experiências extremas ou em escolhas de consumo que os definem socialmente. Um outro comportamento crescente associado ao individualismo, destacado no relatório, é definido como “Nouveau Nihilism” (Novo Niilismo); a crença de que, diante das crises climáticas, da guerra e da instabilidade econômica atual, a única certeza é desfrutar do presente. Por um lado, esse tipo de pensamento individualista fatalista, pode estimular comportamentos impulsivos sem se preocupar com as consequências. Por outro, incentiva a pensar que os problemas coletivos são grandes demais para sequer os indivíduos gastar energia procurando soluções.

Esses são apenas alguns dados que evidenciam uma mudança cultural em direção ao individualismo, influenciada por fatores como avanços econômicos e tecnológicos, que promovem a autonomia pessoal e, simultaneamente, podem enfraquecer os laços comunitários. No presente, a dimensão individual parece mais forte do que no passado, quando a vida costumava ser conformada por grupos que implicam certo grau de interação, estabilidade e dependência do coletivo (família, amigos, universidade, casamento, emprego permanente, filhos, etc.), agora existem muitos caminhos de vida, vários deles impulsionados por sentimentos egoístas e outros pela instabilidade emocional própria das gerações pós-modernas.

Todo esse panorama representa um grande desafio para a consecução do discipulado. A submissão a Cristo característica fundamental de um discípulo genuíno, gera um confronto direto com a autonomia radical promovida pelo hiperindividualismo.

³⁷ BENDER, J et al. IPSOS global trends in search of a new consensus: from tension to intention. www.ipsos.com. [s.l.] IPSOS, set. 2024.

Para o indivíduo pós-moderno colocar a vontade de Deus por cima da sua própria pode parecer loucura, e valorar os interesses comunitários tanto quanto os particulares, a perda da razão. Em consequência, resulta potencialmente difícil a aceitação da exigência de renúncia e sacrifício implícito no “Segue-me” de Jesus, como elemento determinante no processo de discipulado. Como seguidores de Cristo, temos o desafio de refletir coletivamente para buscar um equilíbrio entre a liberdade individual e a coesão social, de modo que o benefício do “eu” autônomo não se transforme em um agente isolante e esvaziador do sentido comunitário.

4.3.2. Vida Em Comunidade como Antídoto à Solidão.

Como já dito, o hiperindividualismo pode induzir as pessoas a vivenciar um isolamento excessivo e experimentar sentimentos de solidão que, com o tempo, abrem espaço para problemas de saúde mental como estresse crônico, depressão e ansiedade. Além disso, essa conduta faz inevitável a fragilização dos vínculos e a ausência de propósitos coletivos. Em resumo, embora o hiperindividualismo possa ser percebido (erroneamente desde a minha ótica) como a conquista máxima de liberdade e autonomia pessoal, traz consigo a desintegração dos laços sociais e uma crescente vulnerabilidade emocional e existencial.

Essas consequências podem oferecer oportunidades para o discipulado à semelhança do modelo de Jesus. Ao contrário do estilo de vida hiper individualista, que coloca o “eu” acima de tudo e deixa o indivíduo solitário e desconexo, o chamado ao discipulado é um convite ao abandono do isolamento para se integrar numa comunidade de fé. Esse processo, fundamentado no compromisso relacional, tem o potencial de criar espaços onde os indivíduos possam experimentar um sentido renovado de pertencimento e identidade. Em vez de viverem somente para si, os discípulos são chamados a “deixar tudo para trás” e a se submeterem ao “jugo” de Cristo, que representa não só a renúncia dos interesses pessoais, mas também a integração com outros que compartilham um propósito maior. Tudo isto, operado não apenas pela vontade ou capacidades próprias, mas por algo infinitamente maior, o poder transformador do Espírito Santo.

4.4. RELAÇÕES LÍQUIDAS VS RELAÇÕES SÓLIDAS

4.4.1. Os Dilemas do Discipulado na Era Digital.

Na atualidade, vivenciamos um período em que as relações humanas se tornam cada vez mais instáveis, superficiais e de curta duração. Se bem o aumento da tecnologia e o advento das redes sociais facilitou a capacidade de se comunicar com mais pessoas, nem sempre quantidade é sinônimo de qualidade. A busca por validação através de “Like” (curtidas) e comentários pode levar a uma dependência emocional e à construção de identidades idealizadas, dificultando o estabelecimento de conexões autênticas. Uma pesquisa³⁸ mostra que mais de 50% dos jovens permanecem conectados à internet por mais de 8 horas diárias. Esse uso excessivo está associado à diminuição das interações presenciais e a falta de habilidades para socializar, o que contribui para a fragilização dos vínculos interpessoais. A facilidade para “deletar” (apagar) ou encerrar relações virtuais faz com que o indivíduo diminua o seu interesse e a sua capacidade de permanecer num relacionamento. Durante a pandemia de 2020, aplicativos de relacionamento registraram um aumento de 116% nas mensagens trocadas entre usuários. Essa expansão evidencia uma tendência de busca por conexões rápidas e de baixo comprometimento, geralmente, o tipo de relacionamento promovido pelos meios de consumo e facilitado pela tecnologia.

A tendência pós-moderna aos relacionamentos líquidos, impõe desafios consideráveis à prática do discipulado no modelo de Cristo. Em primeiro lugar, No discipulado cristão, como exemplificado pelo processo de formação de 3 anos dos discípulos de Jesus no Novo Testamento, há uma ênfase na construção de laços contínuos, na transmissão de um estilo de vida e na formação de uma comunidade de fé comprometida e transcendente. Esse processo requer relacionamentos estáveis entre os discípulos e o discipulador. Tal requerimento pode encontrar sérios obstáculos, numa sociedade líquida onde os vínculos tendem a ser instáveis e fluidos, o que dificulta tanto a manutenção dos compromissos exigidos quanto a prática relacional de aprender, ensinar e submeter-se mutuamente ao longo prazo.

Além do mais, também existe um segundo desafio não menos importante que surge como parte das possibilidades propostas pela sociedade moderna, e que não podemos ignorar. Na atualidade, um número crescente de pessoas tende a interagir mais em ambientes virtuais que de forma física. Sendo que a missão encarregada por

³⁸ GUERREIRO THOMAZINI, M.; ESTEVÃO GOULART, E. Tecnologias móveis e relações interpessoais: reflexões sobre comportamento e aprendizagem. Revista Educação em Questão, v. 56, n. 49, p. 168–195, 2018.

Jesus é de fazer discípulos em todo tempo e de todas as nações, como podemos alcançar essas pessoas que já não mais se relacionam das formas tradicionais? Como incursionar nesse novo modelo de “sociedade virtual” para continuar fazendo discípulos? Será necessário começar a olhar para esse fenômeno com maior cuidado e desenvolver um novo enfoque missional pensando em enviar mais “missionários digitais”? Estas colocações não nascem com o intuito de apresentar uma retórica com aparência de sofisticação e originalidade. Com certeza (a história confirma), outras pessoas já pensaram nisso, e ainda mais, agiram nessa direção. São apenas parte dos questionamentos que inquietam a mente de um discípulo de Cristo no contexto histórico do ano 2025.

4.4.2. O Discipulado como Porto Seguro no Mar da Superficialidade.

Como sequela, a instabilidade das conexões humanas contemporâneas expõe uma carência profunda de sentido, identidade e pertencimento, abrindo espaço para apresentar o discipulado como uma resposta oportuna para aqueles que estão “carregados e cansados”. Pelo geral, a superficialidade relacional gera carência afetiva e espiritual no indivíduo, criando assim um terreno fértil para um processo de discipulado que não apenas ofereça um intercâmbio de conhecimentos, mas relacionamentos sólidos, presentes, de cuidado e serviço mútuo; uma aliança para peregrinar pelas estradas da vida na companhia de pessoas quebradas igual que nós, porém, regeneradas e movidas pelo amor, a graça e a paz oferecidas por Jesus Cristo. Esse deve ser um dos alvos principais dos nossos grupos. Sem dúvida, esse modelo pode atrair pessoa que procurem por conexões verdadeiras.

Semelhantemente, outra oportunidade se apresenta frente a confusão e à insegurança que gera a crescente multiplicidade de caminhos, escolhas e valores ofertados pela sociedade pós-moderna. Muitas pessoas podem estar procurando valores universais, e não ter receio de ser confrontados com verdades absolutas se estas garantem um porto seguro em meio às tempestades ideológicas. Os discípulos de Cristo, tem a oportunidade (e a obrigação) de ser atalaias espirituais deste tempo, oferecendo guia e direção para aqueles que estão como “ovelhas sem pastor”.

Ainda mais, existe um outro fator relativo às relações líquidas que representa uma oportunidade inédita. As mesmas tecnologias e meios de comunicação

apontados como desafios, podem ser usados como meios oportunos para ultrapassar barreiras geográficas, idiomáticas, culturais e até o referente ao tempo das agendas pessoais, para integrar pessoas que de outra maneira talvez ficariam excluídas. As plataformas de mídia digital (redes sociais, blogs, podcasts e videoconferências) juntas ao fácil acesso aos equipamentos tecnológicos (PC ou Smartphone), possibilitam a formação de comunidades virtuais de fé, onde os discípulos podem partilhar experiências, necessidades, procurar apoio, aprender em conjunto, ser monitorados no cumprimento de alguma tarefa, etc. Mesmo quando por alguma razão, as reuniões não possam acontecer presencialmente. Essa flexibilidade facilita, inclusive, a criação de ministérios digitais e programas de apoio para o discipulado de pessoas a distância ou com agendas laborais atípicas.

Além disso, a tecnologia pode ser usada para desenvolver recursos educativos inovadores, como vídeos explicativos, estudos bíblicos interativos e plataformas de atendimento online, que podem complementar o ensino tradicional e engajar os discípulos de forma mais dinâmica e acessível. Essa abordagem cria caminhos para que os líderes cristãos exerçam o discipulado modelando não somente o conteúdo, mas também a forma como esse conteúdo é transmitido, fazendo uso de ferramentas que dialogam com a realidade do mundo que migrou do analógico para o digital.

CONCLUSÕES

Indubitavelmente, o pós-modernismo apresenta um conjunto de peculiaridades que podem induzir as pessoas a percorrer caminhos complexos, pouco trilhados, e na maioria das vezes, numa velocidade difícil de assimilar e com pouquíssima margem para o erro. Apesar disso, na minha opinião, longe de ser visto como um obstáculo

intransponível para a continuidade do modelo de discipulado de Cristo, ditas peculiaridades, são mais a mostra das fissuras de uma sociedade composta por pessoas rotas, vulneráveis e na sua maioria inconscientes da realidade espiritual que governa o mundo em que vivem. Seres humanos movidos por um desejo intenso e às vezes até confuso de liberdade; nem sempre sabendo o que nem onde procurar, mesmo assim, lutando para encontrar esse “algo” perdido que revele o sentido da sua existência. Isto se faz evidente quando prestamos atenção às raízes das crises de significado, a fome por autenticidade e a busca por comunidade que experimentam os indivíduos pós-modernos. Todas, necessidades inerentes da humanidade que terminam sendo distorcidas pelo ego, a ignorância e maldade.

O discipulado segundo o modelo de Cristo, em essência, não procura competir com os questionamentos pós-modernos. Responde a eles de maneira radical, oferecendo não apenas soluções, mas um encontro transformador com o Deus eterno criador do universo. A Igreja, como “corpo de Cristo” e detentora da suprema missão “façam discípulos”, ancorada na revelação da Palavra de Deus e com profunda consciência do contexto sociocultural da sua época, pode transpor os desafios da pós-modernidade. Seguindo o exemplo de amor, serviço e verdade dado por Jesus Cristo, é possível desconstruir a desconfiança e o isolamento, confrontar a superficialidade e a insegurança, e vencer o egoísmo malicioso. Nesse contexto, foi que os primeiros discípulos foram chamados a ser “sal da terra e luz do mundo”. Não pela imposição de dogmas religiosos, mas pela demonstração de uma fé prática capaz de ultrapassar as características próprias de qualquer época.

Certo que para isso muitas vezes será preciso de ousadia para repensar tradições, métodos e estratégias, não procurando diluir o Evangelho, de forma nenhuma, mas para continuar sendo uma comunidade bíblica e relevante no nosso entorno. Talvez, ocasionalmente este seja um desafio até mesmo maior que os apresentados pela sociedade pós-moderna. Trata-se de avaliar periodicamente nossas estruturas de evangelização, ensino e supervisão, para identificar o que continua sendo efetivo e o que não tanto. Eventualmente poderemos encontrar algumas “receitas de bolo” que por acaso funcionaram muito bem em outros tempos ou contextos, não obstante, precisem ser reajustadas segundo as complexidades particulares do discipulado pessoal. Ou quiçá achemos evidência de que algumas

práticas do passado, por simples que pareçam, funcionariam melhor no nosso contexto atual que a maioria do que estamos implementando. De qualquer forma, teremos que ser suficientemente humildes e sensatos para cuidar de que o processo da jornada espiritual de cada indivíduo não tenha menos relevância que os resultados estimados de qualquer programação massiva.

Por último, fica um convite ao leitor para enxergar o pós-modernismo não tanto como um inimigo a ser derrotado, mas como um campo a ser cultivado. Suas agruras apenas expõem a sede de almas perdidas, necessitadas de integridade, autenticidade, propósito, pertença e transcendência, sem saber que tão só Cristo pode lhes saciar. Portanto, a tarefa do povo de Deus não é alienar-se na religião com medo do habitat sociocultural que lhe rodeia. Pelo contrário, a ordem de Jesus “vão e façam discípulos de todas as nações” implica “ir”, uma disposição constante, atemporal, pessoal e coletiva, de encarnar o Evangelho no mundo, no meio de povos, etnias, tribos e qualquer outro tipo de esfera social onde pessoas necessitam conhecer Jesus. Como discípulos de Cristo somos chamados a fazer discípulos no meio a uma sociedade caída, carente e por vezes caótica, proclamando uma mensagem de esperança e testemunhando que o Reino de Deus já está entre nós.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 1. ed. [s.l.]: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução: Mauro Gama; Cláudia Martinelli. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BENDER, J. **Ipsos Global Trends in Search of a New Consensus: From Tension to Intention**. [s.l.]: IPSOS, set. 2024. Disponível em: <<https://www.ipsos.com/en/global-trends-2024>>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. Tradução: Murilo Jardelino; Clélia Barqueta. 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BOICE, J. M. **O Discipulado Segundo Jesus**. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

BROWN, C.; COENEN, L. (Orgs.). **Dicionário Internacional De Teologia**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BYUNG-CHUL, H. **Sociedade do Cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COLOMBO, G. **Poderdata: Só 11% Dizem “Confiar Muito” No Trabalho Da Polícia**. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/poderdata/poderdata-so-11-dizem-confiar-muito-no-trabalho-da-policia/>>. Acesso em: 3 abr. 2025.

DEEPSEEK-V3. **Resposta sobre como identificar o período histórico da pós-modernidade**. [S.l.]: DeepSeek, 2023. Disponível em: <<https://www.deepseek.com>>. Acesso em: 15 fev. 2025.

DEVER, M. **9 Marcas de uma igreja saudável**. São José dos Campos: Fiel, 2016.

DOS SANTOS, A. I. **Pós-estruturalismo e Pós-modernismo: diferenças, semelhanças e potencialidades para pensar a educação**. Revista Cocar, v. 19, n. 37, p. 1–21, 2023.

ELLEN MACARTHUR FOUNDATION. **A new textiles economy: redesigning fashion's future**. Disponível em: <<https://www.ellenmacarthurfoundation.org/a-new-textiles-economy>>. Acesso em: 5 abr. 2025.

GARCIA, A.; NOGUEIRA, F.; PEREIRA, M. **Relações Interpessoais E Sociedade**. 1. ed. Vitória: CIPRI/UFES, 2013.

GIDDENS, A. **A Transformação Da Intimidade: Sexualidade, Amor & Erotismo Nas Sociedades Modernas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GUERREIRO THOMAZINI, M.; ESTEVÃO GOULART, E. **Tecnologias móveis e relações interpessoais: reflexões sobre comportamento e aprendizagem**. Revista Educação em Questão, v. 56, n. 49, p. 168–195, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5639/563968380009/html/>>. Acesso em: 11 abr. 2025.

GUZIK, D. 2022 **The Enduring Word Bible Commentary** by David Guzik. [S.l.]: ewm@enduringword.com.

HELLIWELL, J. F. et al. **World Happiness Report 2025**. University of Oxford: Wellbeing Research Centre, 2025. Disponível em: <<https://worldhappiness.report/ed/2025/>>. Acesso em: 5 abr. 2025.

HENDRIKSEN, W. **Comentario al Nuevo Testamento: Lucas**. EE.UU.: Libros Desafío, 1998. v. 1. 514 p. ISBN 978-1-55883-047-9.

HULL, B. **The complete book of discipleship: on being and making followers of Christ**. Colorado Springs, CO: Navpress, 2006.

JACOBINI, H. **As exigências do discipulado cristão segundo Lc 9:23-27. Uma análise bíblico-teológica das máximas de Jesus**. São Paulo, 2021.

JAMESON, F. **Pós-Modernismo: A Lógica Cultural Do Capitalismo Tardio**. Tradução: Maria Cevasco. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

JARDIM, E. **From smart to senseless: the global impact of 10 years of smartphones**. (M. E. De Matteo, Ed.). Washington, D.C.: Greenpeace, 2 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.greenpeace.org/usa/from-smart-to-senseless-the-global-impact-of-ten-years-of-smartphones/>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

KITTEL, G. **Compendio Del Diccionario Teológico**. Grand Rapids, Michigan: Libros Desafío, 2003.

KURNIAWAN, A. **Five Things to Learn from the Discipleship of Jesus**. In: Conference Series, v. 4, n. 2, p. 270-277, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.34306/conferenceseries.v4i2.957>>.

MILLOS, S. P. **Comentário Exegético Al Texto Griego Del Nuevo Testamento**. Barcelona, ES: Clie, 2016.

NEWTON, G. C. **Growing Toward Spiritual Maturity**. Wheaton, IL: Evangelical Training Association, 1999.

O que são commodities e quais são os tipos? | Educação Financeira - Serasa Ensina. Disponível em: <<https://www.serasa.com.br/blog/commodities/>>.

ORTIZ, J. C. **O discípulo**. Tradução: Myrian Talitha Lins. 6. ed. Venda Nova, MG: Editora Betânia, 1980.

PETERS, M.; BURBULES, N. **Poststructuralism and educational research**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2004.

PEW RESEARCH CENTER. **Public Trust In Government: 1958-2024**. Disponível em: <<https://www.pewresearch.org/politics/2024/06/24/public-trust-in-government-1958-2024/>>. Acesso em: 3 abr. 2025.

PHILLIPS, K. **A Formação de Um Discípulo**. Tradução: Elizabeth Gomes. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2008.

POLHILL, J. B. **The New American Commentary: Acts**. Nashville, TN: Broadman Press, 1992.

SANTOS, H. C.; VARNUM, M. E. W.; GROSSMANN, I. **Global Increases in Individualism**. Individualistic Practices and Values Increasing Around the World, v. 28, n. 9, 13 jul. 2017. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0956797617700622>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

TAYLOR, C. **A Ética Da Autenticidade**. Tradução: Detalyta Carvalho. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

TOCQUEVILLE, A. DE. **De La Démocratie En Amérique**. Paris: Prodinnova, 2012.
UNEP. UNEP Food Waste Index Report 2021. Disponível em: <<https://www.unep.org/resources/report/unep-food-waste-index-report-2021>>. Acesso em: 5 abr. 2025.

WATTS, R. E. **Jesus, o Modelo Pastoral: Estudo do Evangelho de Marcos**. Rio de Janeiro: Danprewan Editora, 2004.

WIKIPÉDIA: **A Enciclopédia Livre**. [S.l.]: Wikimedia Foundation, 2025.

WILKINS, M. J. **Following the master: discipleship in the steps of Jesus**. Grand Rapids, MI: Zondervan Pub. House, 1992.

WILLARD, D. **A Grande Omissão**. Tradução: Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

ZANATTA, T. et al. **Satisfação dos adolescentes gaúchos com suas relações interpessoais: um estudo comparativo entre capital e interior**. In: GARCIA, A.;

NOGUEIRA, F.; PEREIRA, M. **Relações Interpessoais e Sociedade**. 1. ed. Vitória: CIPRI/UFES, 2013. p. 29-38.

ZANINI, L. **Ética por Conveniência!** Disponível em: <<https://portallitoralsul.com.br/etica-por-conveniencia/>>. Acesso em: 6 mar. 2025.